

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE PEDAGOGIA

SALETE TALÉIA CORDONE

UMA NOITE NO MUSEU:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

ERECHIM

2022

SALETE TALÉIA CORDONE

UMA NOITE NO MUSEU:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Almir Paulo dos Santos

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cordone, Salete Taléia

Uma Noite no Museu: possibilidades pedagógicas a partir de um projeto de educação não formal / Salete Taléia Cordone. -- 2022.

70 f.

Orientador: Prof. Dr. Almir Paulo dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2022.

1. Educação não formal. 2. Museus. 3. Ensino Fundamental. 4. Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
I. Santos, Almir Paulo dos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SALETE TALÉIA CORDONE

UMA NOITE NO MUSEU:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 22/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Almir Paulo dos Santos – UFFS
Orientador

Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti – UFFS
Avaliadora

Prof.^a Ms. Gladis Helena Wolff - Museu Irmã Celina Schardong
Avaliadora

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam
para fazer da escola um instrumento de
combate às desigualdades sociais.

AGRADECIMENTOS

Dedico este espaço de agradecimento para enaltecer a importância da existência da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS e por ter tido a oportunidade de estudar nesta instituição. Agradeço ao povo de luta, que tanto batalhou pela implantação desta instituição nesta região, oferecendo com um amplo projeto de expansão e comprometida com a educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

Sou grata à Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), a Via Campesina, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), entre outros movimentos sociais, entidades públicas e ONGs que juntos se mobilizaram para criar o Movimento Pró-Universidade Federal e contribuíram para democratizar o acesso ao ensino superior, tornando viável o sonho de tantos que, assim como eu, dificilmente teriam condições de acessar este nível de educação.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Almir Paulo dos Santos, pelo conhecimento, apoio, confiança e autonomia que me ofereceu durante este processo. Agradeço à amiga Andressa Andria, que vivenciou comigo este percurso acadêmico, compartilhando as alegrias, angústias, conquistas e frustrações, apoiando-me incondicionalmente. Agradeço pelas palavras de encorajamento que recebi da amiga Lucinéia Hoffmann durante o decorrer da graduação, e pela dedicação e empenho das amigas Elisiane Gnovatto e Gladis Wolff, durante a realização desta pesquisa. Também sou grata a todos que fazem parte da minha rede de apoio no cuidado com minha filha Ágata Cordone de Oliveira, que sempre se dispuseram a me auxiliar nos momentos que precisei me ausentar.

Também faço um agradecimento especial ao quadro de professores da UFFS, que foram fundamentais no meu processo de formação acadêmica e sempre me incentivaram a lutar por uma educação pública de qualidade, que respeita os direitos e as singularidades dos sujeitos. Muito obrigada.

“Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública” (TEIXEIRA, 1997, p. 15).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa realizada a partir de um projeto de educação não formal denominado *Uma Noite no Museu*, que é promovido pelo Museu Municipal Irmã Celina Schardong, no município de Gaurama RS. A pesquisa consiste em investigar as possibilidades pedagógicas que o Museu oferece e que podem ser utilizadas para enriquecer ou complementar o currículo formal dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das escolas que participam do projeto. A metodologia utilizada envolve pesquisa bibliográfica, entrevistas com coordenadoras e crianças que participaram do projeto e, análise de documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e a Base Nacional Comum Curricular. Ao longo de três capítulos, o estudo faz uma contextualização histórica acerca do termo de educação não formal e da legitimação dos museus como espaços educativos e, demonstra que o acervo contido no Museu Irmã Celina Schardong ultrapassa as jurisdições do ensino de História e viabiliza a abordagem pedagógica de temas de todas as áreas do conhecimento que as DCNEF pautam para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, o trabalho demonstra que a educação não formal e o método formal de ensino não se contrapõem, e sim, podem ter uma convivência pacífica e de complementaridade.

Palavras-chave: Educação não formal; Museu; Ensino Fundamental; BNCC.

ABSTRACT

The present work aims to present research carried out from a non-formal education project called Uma Noite no Museu, which is promoted by the Municipal Museum Irmã Celina Schardong, in the municipality of Gaurama RS. The research consists of investigating the pedagogical possibilities that the Museum offers and that can be used to enrich or complement the formal curriculum of the Initial Years of Elementary School of the schools that participate in the project. The methodology used involves bibliographic research, interviews with coordinators and children who participated in the project and analysis of documents such as the National Curricular Guidelines for Elementary Education and the National Curricular Common Base. Over three chapters, the study makes a historical contextualization about the term of non-formal education and the legitimacy of museums as educational spaces, and demonstrates that the collection contained in the Irmã Celina Schardong Museum goes beyond the jurisdictions of History teaching and enables the approach pedagogy of themes from all areas of knowledge that the DCNEF guide for the Initial Years of Elementary School. In addition, the work demonstrates that non-formal education and the formal teaching method are not opposed, but can have a peaceful coexistence and complementarity.

Keywords: Non-formal education; Museum; Elementary School; BNCC

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Educação formal X Educação não formal	18
Quadro 2 Distribuição de componentes por área do conhecimento	36
Quadro 3 Possibilidades pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa	48
Quadro 4 Possibilidades pedagógicas para o ensino de Artes.....	49
Quadro 5 Possibilidades pedagógicas para a Educação Física.....	50
Quadro 6 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Matemática.....	52
Quadro 7 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Ciências da Natureza.....	54
Quadro 8 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Geografia.....	56
Quadro 9 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de História.....	58
Quadro 10 Possibilidades pedagógicas para a o Ensino Religioso	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
DCNEF	Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental
FLAG	Festival Literário e Artístico de Gaurama
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UM BREVE HISTÓRICO.....	16
3 O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	22
3.1 MUSEU MUNICIPAL IRMÃ CELINA SCHARDONG	26
3.2 PROJETO UMA NOITE NO MUSEU	29
4 PROJETO UMA NOITE NO MUSEU SOB A ÓTICA DA DNCEF E DA BNCC	35
4.2 UMA NOITE NO MUSEU SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES	38
4.3 UMA NOITE NO MUSEU: AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NORTEADAS PELA BNCC	46
4.2.1 Linguagens	47
4.2.2 Matemática.....	51
4.2.3 Ciências Da Natureza	52
4.2.4 Ciências Humanas	55
4.2.5 Ensino Religioso.....	60
4.3 SUGESTÕES PARA CONTINUIDADE DO PROJETO.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

O campo da educação é amplo e dinâmico, envolvendo diversas práticas e experiências, nas mais variadas formas e com a interlocução de diversos saberes. A educação está em qualquer lugar e todos devem ter acesso para a construção dos conhecimentos. Quando pensamos sobre o conceito de educação, refletimos e percebemos que esta ocorre em toda parte, independente do espaço, afinal toda socialização humana pressupõe aprender e ensinar.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e- ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 2007, p. 03).

Desta forma, corroborando com Brandão (2007), percebemos que a escola é somente *um* dos espaços em que a educação está presente nos diferentes contextos sociais e culturais, pois misturamos a vida com a educação.

Compreendemos que a escola formal, embora tenha um papel central na formação dos sujeitos, não é o único ambiente educativo com o poder de proporcionar o acesso ao conhecimento historicamente sistematizado pela humanidade. Neste sentido, observamos a existência de iniciativas e projetos sociais que se constituem como práticas não formais de educação e contribuem com a aprendizagem de uma maneira alternativa, prazerosa e significativa, podendo ser parceiros da escola formal. Assim, torna-se importante conhecer e estudar estes espaços e iniciativas com o intuito de entender suas contribuições educativas para a sociedade.

No contexto do município de Gaurama, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, identificamos como um espaço não formal de educação o Museu Municipal Irmã Celina Schardong, que é responsável pelo desenvolvimento do projeto “*Uma Noite no Museu*”. Este projeto tem acontecido anualmente, desde 2016 e é organizado pela Prefeitura Municipal de Gaurama, por meio da Secretaria de Educação, Cultura, Desporto e Turismo.

Esta proposta, que tem as escolas públicas locais como parceiras, propõe ações voltadas especialmente ao ensino de História Local, e de valorização patrimonial e cultural do município, por meio de práticas pedagógicas que se desenvolvem durante o ano letivo. No decorrer do processo, os estudantes são convidados a conhecer o Museu e após, são desenvolvidas atividades escolares, tratando da História Local, e da importância do Museu, propiciando um processo de ensino e aprendizagem num espaço de educação não formal. Estas tarefas são

submetidas a uma avaliação que culmina na seleção e premiação de alguns trabalhos. As crianças que tiverem seus trabalhos selecionados, recebem como prêmio um convite para pernoitar no Museu Municipal, participando de vivências como, rodas de conversa sobre História Local, jogos, brincadeiras ou palestras.

Uma vez que as crianças tenham contato e estejam inseridas neste espaço, compreendendo que os objetos, imagens e histórias ali preservados também fazem parte da sua constituição como cidadãos pertencentes a um tempo histórico, aprender sobre outros povos e civilizações também tornar-se-á algo significativo. Refletir e compreender as sociedades nos diferentes tempos e contextos históricos é mais tangível quando temos um entendimento sobre a comunidade em que vivemos para usar como ponto de partida.

Desta forma, o museu constitui-se em um importante espaço de ensino e aprendizagem que deve ser evidenciado como um propagador do conhecimento. Neste trabalho, nos debruçamos a falar sobre a relevância da educação não formal, sobretudo, àquela que acontece no espaço do museu e da possibilidade e relevância de ações conjuntas com a educação formal.

A partir do reconhecimento do museu como um espaço responsável pela preservação e disseminação da memória, cultura e história dos povos, apresento como objetivo central desta pesquisa, compreender as possibilidades pedagógicas que o Museu oferece para as áreas do conhecimento escolar das crianças e adolescentes, como um espaço não formal da educação.

Além disso, pretende-se demonstrar que a educação não formal e o método formal de ensino não se contrapõem, e sim, podem ter uma convivência pacífica e de complementaridade para, posteriormente, apresentar a pesquisa à Secretaria de Educação, Cultura, Desporto e Turismo Município de Gaurama, visando fortalecer o projeto e legitimar o Museu Irmã Celina Schardong como espaço de educação não formal.

Desta forma, considerou-se conveniente debruçar-se na análise do projeto *Uma Noite no Museu*, pois alia conteúdos de interesse pessoal, com temáticas do campo da Pedagogia, como o ensino de História, que segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018), tem como objetivo primordial o reconhecimento do “Eu”, do “Outro” e do “Nós, e deve proporcionar para as crianças do Ensino Fundamental, de início, “o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade.”(BRASIL, 2018, p. 404)

Para a realização desta investigação partimos de uma abordagem qualitativa, com recursos de análise bibliográfica e uma pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. A pesquisa é considerada qualitativa quando visa levantar dados, não numéricos, para posteriormente interpretá-los (BAUER e GASKELL, 2000). Para Lüdke, André (1986),

existem cinco características básicas a serem verificadas para que uma pesquisa seja considerada qualitativa:

a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e, e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p.44).

Desta maneira, a reflexão acerca das respostas e a participação ativa dos envolvidos na pesquisa foi o aspecto mais relevante. Buscando dar suporte a análise e reflexão, se inseriu a pesquisa bibliográfica que, segundo Pizzani et. al. (2012, p.54), é “a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico”. Ela nos orientou sobre o uso de conceitos e debates formulados em torno do assunto escolhido. Para a coleta dos dados, foi utilizada a pesquisa de campo que,

[...] é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001, p. 67).

Desta forma, as informações foram coletadas diretamente da fonte, ou seja, dialogamos com 08 estudantes (que tiveram seus trabalhos selecionados) e duas professoras/coordenadoras que participaram do projeto “Uma noite no Museu”, realizado pelo museu Irmã Celina Schardong, no município de Gaurama e, a partir disso analisamos os seus discursos. Nas 4 edições tivemos 46 estudantes do Ensino Fundamental selecionados pelo projeto.

Para selecionarmos os 8 (oito) estudantes que foram entrevistados, contamos com as sugestões das coordenadoras do projeto, que indicaram alguns nomes que poderiam contribuir com a pesquisa. Observamos para que houvesse a participação de dois estudantes de cada edição do projeto, incluindo também, ao menos um, que fosse oriundo de escola da zona rural do município.

Uma vez selecionados os participantes, realizamos as entrevistas individualmente e, estas foram de modelo semiestruturado, tanto com estudantes como com as coordenadoras. Ludke e André (1986) afirmam que:

Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p.33)

Nesse viés, as perguntas que foram feitas aos estudantes iniciaram-se por quais eram suas expectativas ao realizarem seus trabalhos para concorrer a premiação, que era passar a noite no museu, passando por reflexões acerca dos aprendizados adquiridos durante o processo, tanto no âmbito do Ensino de História como também de outras áreas do conhecimento e, por fim, pedimos sugestões de aprimoramento para uma possível continuidade do projeto. As coordenadoras do projeto responderam questões relacionadas às intencionalidades e possibilidades que esta proposta educativa permite.

Um aspecto importante a se ressaltar, é que todas as entrevistas dos estudantes foram realizadas no espaço das escolas do município, representando o aspecto colaborativo que existe entre o museu e as escolas neste município. Finalizadas as entrevistas, juntamente com uma das coordenadoras, partimos para uma exploração do acervo exposto no Museu Irmã Celina Schardong a fim de identificar elementos que podem fomentar pesquisas escolares nos variados campos do conhecimento.

Em seguida, as informações coletadas foram tratadas por análise de conteúdo, segundo a interpretação de Laville e Dionne (1999) a partir de elementos interpretativos para traçar um esquema de explicação significativo dos dados. Segundo eles

A análise dos dados e a interpretação que a segue ou acompanha não vêm concluir o procedimento de pesquisa. Deve-se ainda tirar conclusões: pronunciar-se sobre o valor das hipóteses, elaborar um esquema de explicação significativo, precisar-lhe o alcance bem como os limites e ver horizontes novos que se abrem à curiosidade dos pesquisadores (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 228)

Diante disso, após a análise de conteúdo, foram escolhidas categorias para serem discutidas. Para Laville e Dionne (1999) é o momento da reconstrução do sentido dos discursos estudados por meio da abordagem qualitativa e das intenções da pesquisa.

A partir da metodologia descrita, buscamos alcançar o objetivo deste trabalho apresentando a discussão da temática em três eixos centrais. No capítulo primeiro, intitulado “Educação não formal: Um breve histórico”, debateremos os conceitos relativos à Educação não Formal. O segundo eixo, fará menção ao potencial educador do espaço museal e abordará ações do projeto *Uma Noite no Museu*, sendo intitulada como “O Museu como espaço de educação não formal” e, por fim, a última seção, nomeada, Projeto Uma Noite No Museu sob a ótica da DNCEF e da BNCC trará apontamentos acerca das possibilidades pedagógicas existentes no Museu Irmã Celina Schardong, que podem ser aproveitadas pelo currículo formal da escola.

2 A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UM BREVE HISTÓRICO

Segundo o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, (2000, p. 40) “a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática, é naturalmente política [...]”, ou seja, é um conjunto de ideias que são compartilhadas conforme os interesses de quem as divulga ou quem as recebe. Brandão (2007) nos aponta que existe educação quando uma mãe ou pai repreende um filho, quando lhes ensinam as normas sociais, ou quando um pai ensina o filho a polir a ponta de uma flecha para caçar. Ou seja, ela aparece sempre que se tem condução e interesse pelo ato de ensinar e aprender, podendo partir de qualquer pessoa. Já a escola, o ensino formal, aparece quando a educação se teoriza, se estrutura, cria métodos e define regras. (BRANDÃO, 2007, p.11).

Mas a educação é maior que a instituição escolar, por isso transcende seus muros e, desde a antiguidade, “por toda parte as classes subalternas aprenderam a criar e recriar uma cultura de classe [...]e também formas próprias de educação do povo” (BRANDÃO, 2007, p. 48). Portanto, mesmo quem era excluído dos espaços ou instituições formais de ensino, buscava, como uma forma de resistência, lutar pela sobrevivência e chegar até alguma forma de educação, pois ela não se restringe a adquirir conhecimento erudito. Vem do povo, vem da vida em família, da comunidade, das brincadeiras entre as crianças e das mais variadas vivências do cotidiano, em qualquer tempo e espaço.

O que nos tempos remotos era uma prática cotidiana dentro das tribos, clãs, famílias ou quaisquer outros grupos sociais, segundo Brandão (2007), passa também a ser compreendido como uma forma de resistência à educação que vem de fora da comunidade ou da classe social e, mesmo que veladamente, apresenta um teor político que sustenta um complexo de saberes populares. Desse modo, é possível admitir que a educação acontece também fora da escola, mas, as discussões a respeito do educar não-formal começaram a ganhar espaço e visibilidade a partir dos anos 1980, tornando-se tema de discussões teóricas.

No final da década de 1960 e início dos anos 1970, segundo Carnicel (2005), a educação não formal, embora realizada fora das escolas, era considerada como uma extensão da educação formal concentrando-se nos grupos menos favorecidos na tentativa de suprir as novas demandas sociais, traduzidas na maioria das vezes em campanhas de alfabetização de cidadãos adultos, objetivando inseri-los no contexto urbano-industrial a educação não-formal. Estas campanhas, de acordo com Garcia, (2008, p. 04),

tinham como base as propostas de Paulo Freire e outras práticas dos movimentos sociais. A educação de jovens e adultos foi a que ficou mais em evidência, mas outras práticas de educação voltada para a educação ou reeducação dos “menores” existiam também há bastante tempo.

Já na década de 1990, a educação não formal passou a ter destaque em decorrência de mudanças no campo econômico mundial, especialmente no que diz respeito ao mundo do trabalho. Agências e organismos internacionais, como a ONU e a Unesco contribuíram para que se passasse a discutir uma nova cultura organizacional que exige a aprendizagem de habilidades não ensinadas na escola (GOHN, 2011). Segundo Gohn (2011), a “Declaração mundial sobre Educação para Todos” e o “Plano de Ação para satisfazer necessidades básicas da aprendizagem”, elaborados na conferência da ONU na Tailândia, são documentos que preconizam a necessidade de mudanças na educação, buscando fazer alianças para universalizar o acesso à educação e fomentar a equidade, ampliando o campo da educação “para outras dimensões além da escola” (GOHN, 2001, p. 101).

Para melhor entendimento da temática, após compreendermos o lugar da educação não formal na linha do tempo da educação, é necessário discutirmos as particularidades do conceito de educação não formal e as suas distinções com a educação formal e a educação informal.

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação da educação informal abrange as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo completo. (AFONSO. 1989, p.78, *apud* CARNICEL 2005, p. 64)

Desta forma, é possível verificar que a educação não formal e a não-escolar são elementos distintos e, a educação não escolar inclui os termos informal e não-formal. (CARNICEL, 2005). A instituição escola apresenta costumeiramente uma certa rigidez organizacional, fazendo com que professores precisem correr contra o tempo para vencer o conteúdo pré-estabelecido, pois “ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação” (GADOTTI, 2005, p. 2).

Por outro lado, nota-se na educação não formal que a aprendizagem pode se desenvolver de forma mais natural, uma vez que não tem uma estrutura fixa, nem um currículo pronto, sendo mais ajustável e acessível. Fernandes (1998) pontua que este tipo de educação, embora

apresente certo eixo organizacional, tem mais flexibilidade “quanto ao tempo, conteúdo, estruturação de grupo e faixas etárias e ao local” (FERNANDES, 1998, p. 44)

Com o intuito de facilitar a compreensão, Carnicel (2005), aponta a educação familiar como exemplo mais evidente da educação informal e, exemplifica a educação formal (escolas tradicionais) e a educação não-formal (ações democráticas para o desenvolvimento) trazendo um quadro elaborado a partir das características apresentadas nas atividades de cada modalidade:

Quadro 1 Educação formal X Educação não formal

<p>Escolas tradicionais:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Apresentam caráter compulsório; *Dão ênfase apenas à instrução; *Favorecem o individualismo e a competição; *Visam a manifestação do <i>status quo</i>; *Preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social; *São hierárquicas e fortemente formalizadas; *Dificultam a participação; *Utilizam métodos centrados no professor-instrutor; *Subordinam-se a um poder centralizado; 	<p>Associações democráticas para o Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Apresentam um caráter voluntário. *Provém, sobretudo, a socialização; *Promovem a solidariedade; *Visam o desenvolvimento; *Preocupam-se essencialmente com a mudança social; *São pouco formalizadas e pouco incipientemente hierarquizadas *Favorecem a participação
--	--

Fonte: Adaptado de AFONSO 1989 *apud* CARNICEL 2005, p. 53

Para além destas definições, Gohn (2011) subdivide a educação não formal em seis campos que considera serem suas áreas de abrangência. O primeiro está relacionado à aprendizagem política e o processo que gera conscientização do meio social através da participação de atividades grupais, como por exemplo, um conselho de escola. O segundo, é a capacitação para o mundo do trabalho. O terceiro, voltado a organização comunitária para resolução de problemas cotidianos. O quarto é aprendizagem dos conteúdos da escola formal em espaços e de maneiras alternativas. O quinto, ressalta a autora, ser uma modalidade que não tem muita atenção dos educadores, é a educação desenvolvida pela mídia, especialmente a eletrônica. Por último, registra o campo da educação para a vida e aponta que em tempos de globalização, a arte viver e conviver com o stress deixa de ser vista como “esotérica” e torna-se um grande campo para a educação não formal.

Portanto, de acordo com Gohn (2011), esta modalidade educativa abrange em sua intencionalidade a promoção para cidadania, favorecendo a preparação dos indivíduos para ações políticas, coletivas, para compreensão crítica a respeito do mundo e situações cotidianas.

Ou seja, visa contribuir com a formação integral dos sujeitos, tendo também forte potencial para libertação e transformação social. De acordo com Oliveira e Dias (2017, p. 3)

acredita-se que a educação não formal se configura como instrumento educativo potencial para a libertação das pessoas e transformação social, porque nela podem ser encontradas possibilidades de viabilizar a luta dos indivíduos por sua humanização, pautando-se na compreensão de que os sujeitos são agentes de mudanças, capazes de conhecer criticamente o contexto cultural e social que os circunscreve, à medida que se engajam no processo de conquista de sua cidadania.

Nesse viés, a educação não formal é caracterizada pela pluralidade de ações que pode desenvolver, tendo um caráter bastante flexível e um público diversificado, sem as diversas formalidades que a educação formal normalmente apresenta. De tal maneira, os objetivos e finalidades que a educação não formal abarca vão além do ensino e aprendizagem, considerando e valorizando os elementos e interesses da comunidade atendida, no sentido de contribuir com a formação sobre direitos humanos, com o enfrentamento das desigualdades e exclusão dos sujeitos.

Os espaços não formais, portanto, proporcionam situações para socialização, participação coletiva, pensamento crítico sobre si e as relações com o mundo, contribuindo com a conscientização dos sujeitos e incentivando-os na tomada de decisões que contribuam com a transformação da realidade em que se encontram ou presenciam (GOHN, 2017).

Esta perspectiva do espaço não formal, como um espaço de libertação e transformação, está alinhada às concepções de Paulo Freire. Para Freire (1987), a educação tem a função de humanizar, de conscientizar os sujeitos sobre as relações opressoras que os cercam, possibilitando que eles busquem sua libertação, uma vez que:

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão". (...) "Somente quando os oprimidos descobrem, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987, p. 52)

Para isso, Freire propõe uma prática educacional de participação livre e crítica dos sujeitos envolvidos, em que o diálogo se torna peça essencial para criar-se um método dinâmico, partícipe, ativo e crítico entre educadores e educandos. Neste processo dialógico, que se constrói a conscientização sobre as relações estabelecidas na sociedade (opressor x oprimido),

e que se permite aos indivíduos compreender o mundo e atuar sobre ele, buscando transformar a realidade social que os cerca. Portanto, a transformação na percepção freiriana

ganha significado de práxis, atividade humana que integra dialeticamente ação e reflexão, que modifica o mundo dos homens, voltando-se a eles, modificando-os. No entanto, a transformação da realidade é possível aos sujeitos de maneira coletiva, uns com os outros, por meio do diálogo, pois diferentes homens e mulheres mediados por um mundo comum são capazes de pronunciá-lo e modificá-lo conjuntamente (OLIVEIRA, DIAS, 2017, p. 4).

Percebe-se então, que a modalidade da educação não formal se configura como uma proposta pedagógica que representa também um importante passo para o processo de libertação e transformação social. Uma proposta que, “[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais”. (GOHN, 2006, p. 29)

É importante ressaltar que, mesmo Gohn (2009) apontando que a educação não formal como um espaço para a formação com aprendizagem de saberes para a vida em coletivos, em nenhuma hipótese, deve-se entender “como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar” (GOHN, 2009, p. 5). Por outro lado, Carnicel (2005) aponta a crise na escola como uma das razões para o surgimento da educação não formal e, para fundamentar seu argumento,

um dos diagnósticos que se derivam das análises sobre esta crise era o de que os sistemas educativos mantinham-se com os mesmos meios e instituições convencionais com que haviam funcionado até o momento; por mais que estes crescesse em quantidade e capacidade, dificilmente aqueles sistemas estariam em situação de satisfazer a demanda social pela educação. Isto quer dizer que somente a expansão do aparato escolar não serviria como único recurso para atender às expectativas sociais de formação e aprendizagem (TRILLA, 1996, p.15 *apud* CARNICEL, 2005, p. 65).

Neste sentido, Fernandes e Garcia (2019) apontam que no Brasil, por volta da década de 1980, junto à redemocratização política surge uma grave crise econômica que, concomitante ao neoliberalismo, passa a estimular a sociedade civil e o terceiro setor a buscarem alternativas para atenuar as desigualdades socioeconômicas e tentar contornar a crise na educação. Desta forma, a partir da década de 1990, ainda imerso no neoliberalismo, o país passa a desresponsabilizar-se de suas funções sociais e atribuir “ao terceiro setor¹ e à sociedade civil

¹ Terceiro setor: Ainda que carente de uma definição legal, pode ser compreendido como o conjunto de atividades voluntárias, desenvolvidas por entidades privadas não governamentais e sem ânimo de lucro, realizadas em prol da sociedade, independentemente do Estado e mercado, embora com eles possa firmar parcerias e deles possa receber investimentos.¹ É a sociedade civil organizada coletivamente para atuar sobre si mesma. Juridicamente, as formas com as quais a ação coletiva é concretizada são as associações, fundações e as organizações religiosas.

algumas ações sociais, dentre elas as educativas, sendo que grande parte dessas ações passa a ocorrer no campo da educação não formal” (FERNANDES E GARCIA, 2019, p. 7).

Portanto, percebe-se que neste período, o governo buscou se despir de seus compromissos com a educação formal das classes populares e o caminho que propôs para driblar um colapso no sistema educacional foi a terceirização da educação não formal. Garcia (2008) aponta que outras formas de se “fazer” educação passaram a ser validadas e ganharam um status de uma nova área educacional e, “parece ser esse o momento do nascimento não da ação da educação não formal, mas desta como área conceitual” (GARCIA, 2008, p. 03).

Uma vez que o termo educação-não formal foi compreendido conceitualmente e posicionado historicamente, daremos sequência a este trabalho debruçamo-nos a tratar especificamente do museu como espaço de promoção da educação não formal.

3 O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Este capítulo é dedicado a apresentar alguns elementos explicativos acerca das origens das instituições museais no mundo e as suas contribuições para a preservação da memória histórica, científica e cultural das civilizações.

Também tratará das especificidades do Museu Municipal Irmã Celina Schardong, localizado no Município de Gaurama - RS, e do Projeto *Uma Noite no Museu*, que é promovido por esta instituição de educação não formal.

O termo museu se origina do grego *mouseion*, que era o Templo das Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a Deusa da Memória. Este templo abrigava diversos itens relacionados ao ramo das artes e ciências, sempre mantendo um caráter interdisciplinar. Esta instituição passou por grandes evoluções desde os gabinetes de curiosidades e coleções dos séculos XV – XVI, até chegar ao século XXI, como um “guardião” da cultura material, diretamente associada ao Patrimônio Histórico. (CARLAN, 2008)

Tanto os museus da antiguidade grega, como os criados no Oriente durante o século X e os ocidentais do século XVI, foram construídos segundo os gostos e necessidades da realeza, do clero ou da burguesia. Era tido como espaço para guardar os tesouros da classe dirigente, especialmente objetos obtidos através de saques de guerra ou viagens de colonização (BARRETO, 1993)

Foi na década de 1950, na França, que começaram a surgir os primeiros questionamentos acerca deste modelo de museologia e, a partir da Europa, modificações nos métodos de análise patrimonial e cultural passaram a ser consideradas também em outros continentes. Neste período, em decorrência do impacto da industrialização e da especialização do conhecimento, começaram a realizar-se discussões inovadoras incluindo a dimensão pedagógica e social do museu e, estes passaram a buscar uma inserção na comunidade com o intuito de conscientizar sobre a preservação da própria história passando a tratar de temas do cotidiano de dos sujeitos historicamente silenciados (BARRETO, 1993). A mesma autora apresenta algumas áreas que passaram a ser temas nas exposições. Segundo ela, atualmente os museus trabalham com a história social e vida cotidiana, “incluindo as relações econômicas e sociais entre as diferentes classes, a vida doméstica, as condições de trabalho e lazer, a atitude para com a natureza, a cultura, a religião, a música, a arquitetura, a educação” (BARRETO, 1993, p. 56)

Santos (2004) afirma que, acompanhando tendências vindas da Europa e Estado Unidos, os museus do Brasil também têm transformado seu perfil nas últimas décadas, democratizando

seus discursos e abrindo as portas para um público maior e mais diversificado, pode-se dizer que entre as instituições culturais contemporâneas, foram os museus que melhor se adaptaram ao mundo atual.

Brefe (1998) afirma que é imprescindível considerar o *tempo* como eixo fundamental para entender o museu e o vínculo com a sociedade onde ele está inserido, pois, as relações entre o presente, passado e futuro são centrais nos debates historiográficos vigentes. Os estudos e discussões teóricas acerca do conceito de tempo existem a muitos anos e contam com contribuições de diversos pensadores ressaltando sua função simbólica e reguladora. Podemos apontar o surgimento do relógio como um ponto de grande relevância para o estudo da disciplina e controle dos corpos. Os relógios são elementos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequência modelo de referência regular, como as horas e os minutos (ELIAS, 1998).

Ainda de acordo com Elias (1998), o tempo é um símbolo humano utilizado para servir como medida a partir de instrumentos e processos padronizados. Os relógios exercem essa função. Conforme o autor, a noção de tempo é uma construção que o indivíduo vai aprendendo à medida que se relaciona em sua comunidade e tem função simbólica reguladora. Conforme a noção de tempo é assumida individualmente, a função reguladora faz com que o indivíduo pense que as sequências dos acontecimentos pessoais e sociais fazem parte da própria natureza humana. Hoje não é possível que se modifique o conceito de tempo, pois sendo uma construção social ele já é assimilado até mesmo pelas crianças à medida que estas crescem em nossa sociedade, como nos traz Elias (1998):

Ao crescer, com efeito, toda a criança vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. Se no decorrer de seus primeiros dez anos de vida, ela não aprender a desenvolver um sistema de autodisciplina conforme a essa instituição, se não aprender a se portar e a modelar sua sensibilidade em função do tempo, ser-lhe-á muito difícil, se não impossível, desempenhar o papel de um adulto no seio dessa sociedade (ELIAS, 1998, p. 14).

O conceito de tempo não é individual, ele é desenvolvido em cada sociedade de acordo com sua contextualização histórico-cultural, podendo-se afirmar que a noção de tempo contemporânea não é a mesma que a de outros períodos, como por exemplo, a concepção das sociedades primitivas que tinham por referência os seus processos biológicos. Parente (2010) aponta que entre os povos primitivos, a medição do tempo era comumente relacionada aos processos familiares no ciclo do trabalho a ser realizado e o tempo estava condicionado pelas diferentes situações de trabalho e pela relação com os ritmos e fenômenos da natureza: maré,

seca, terra, chuva. A necessidade de medida e sincronização do tempo passa a ser uma necessidade a partir da complexificação das sociedades e começa a ganhar novas perspectivas nas sociedades industriais.

Para Thompson (1998) a noção do tempo não se apresenta de forma exata, linear, e, não é possível dizer que o tempo das sociedades mais complexas e modernas é mais elaborado do que nas sociedades primitivas. O ponto chave para este autor está diretamente relacionado com a natureza do trabalho em cada contexto social e momento histórico. O que se percebe nas sociedades industriais é que o tempo se transforma em moeda, e “o que conta não é mais o valor das tarefas e, sim, o valor do tempo. O relógio passa a ser o regulador dos novos ritmos da vida industrial e também objeto de necessidade para a emergência do capitalismo” (PARENTE, 2010, p. 138)

Segundo Meneses (1998), as conotações temporais são múltiplas, mas é o presente que as ordena e o decurso do tempo é que qualifica o objeto histórico, para ele, “o museu tanto pode operar as dimensões de espaço como de tempo. No entanto, do tempo jamais poderá escapar, ao menos na sua ação característica, a exposição” MENESES, 1998, p.14) desta forma, é possível compreender que cada museu é subordinado ao seu tempo. Carlan (2008) aponta que a associação de questões do tempo com a história é um meio de identificar e formar identidades, e, as identidades são importantes para a convivência em grupo.

Meneses (1994) considera a memória como um componente fundamental para a formação identitária e convivência social, porém, reitera que “ao museu não compete produzir e cultivar memórias, mas, analisá-las” (MENESES, 1994, p. 40), já que ela é um objeto do conhecimento com muitas facetas e cada sociedade produz as suas memórias de acordo com o contexto em que se insere. O mesmo acontece com a história, que é registrada e contada de acordo com quem a escreveu.

A linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente. (FERREIRA, 2002, p. 314).

Lowenthal (1998, p.75) afirma que “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” A esse respeito, trazemos a contribuição de Neves (1998) que complementa apresentando a importância da memória:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação” (NEVES, 1998, p. 218)

Dentro do museu, em que Brefe (1998) aponta o tempo como eixo central, ocorre a inter-relação deste com o espaço, com documentos e objetos históricos que juntos formam uma memória coletiva e, quanto maior o contato com esta memória, mais sólida será a construção das identidades coletivas.

Santos (2005) aponta que a nossa memória não é a nossa história, é sim uma forma de registro que fica em nosso corpo, a construção do que nos lembramos. “É seletiva por excelência, pois guardamos tudo aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve algum significado em nossas vidas” (SANTOS, 2005, p. 43), ou seja, para haver memória, é preciso ter um passado e este, por sua vez, passa por um processo de seleção do que vai reter e o que vai esquecer. Neste sentido, a autora aponta que os relatos individuais são responsáveis pelo surgimento de uma memória local. Por isso, a museologia preocupa-se com o testemunho dos indivíduos, pois eles são os “documentos” dos objetos museológicos. Os objetos expostos nos museus estão preservados neste espaço pelo seu significado, por isso, os museus se tornam “lugares de memória” (SANTOS, 2005, p. 43).

A memória individual ou coletiva é um importante elemento a ser considerado nesta discussão “já que funciona e garante o pertencimento a um grupo social, que ao compartilhar essas lembranças garante o sentimento de identidade do ser individual, que por sua vez sedimenta o campo histórico, do real e do campo simbólico (SANTOS, 2005, p. 44).

Essas duas memórias, individual e coletiva, estão a todo momento relacionando-se com a memória histórica, a diferença é que as duas primeiras têm a oralidade como seu principal meio de divulgação, enquanto a memória histórica conta com a precisão dos objetos ou registros para garantir a sua preservação e disseminação. Os significados dos objetos expostos nos museus perpassam pela memória social, fornecendo informações através da comunicação que estabelece com o seu público (SANTOS, 2005).

Para a museóloga Margarita Barretto (1993, p. 09) a diferença entre o museu e outros meios de comunicação para a formação de identidades e consciência coletiva “reside na qualidade e no embasamento científico dos conteúdos comunicados e no fato de que o papel dos museus não é meramente recreativo, mas essencialmente educativo” Complementando esse

pensamento, Lima (2017), , afirma que a educação museal é uma ferramenta de empoderamento que valoriza as mais diversas identidades e estimula os sujeitos para exercerem sua cidadania. Sendo lugares culturais com caráter educacional para além da ambiência escolar, os museus têm grande responsabilidade social, pois favorecem a compreensão das memórias dos diferentes grupos e permitem a ressignificação da dinâmica social.

Os espaços museais são, peremptoriamente, espaços que possibilitam interseções entre a educação formal, não formal e informal e tais interseções são potencializadas pelo entendimento de que a memória social é importante subsídio para a construção e reconstrução daquilo que definimos como identidade cultural – que inclui a nossa produção científica, as religiosidades, a arquitetura, a culinária, a paisagem natural, os usos da linguagem, as festividades, as danças etc. (LIMA, 2017, p. 149).

Martins (2006) vem afirmar que a questão educacional tem sido um dos enfoques dados pelos museus, e estes, enquanto espaços de educação não-formal, constituem-se em instituições autônomas que têm o bem cultural como seu objeto de trabalho. Deste modo, “a ação educativa pode apresentar-se como facilitadora e provedora de um processo prazeroso de ensino-aprendizagem, inserido dentro de uma ação cultural mais ampla” (MARTINS, 2006, p. 73).

Neste sentido, justifica-se a intencionalidades desta pesquisa, que buscará conhecer o trabalho de educação não formal desenvolvido no Museu Irmã Celina Schardong

3.1 MUSEU MUNICIPAL IRMÃ CELINA SCHARDONG

O Museu Irmã Celina Schardong, que está situado no município de Gaurama, ao norte do estado do Rio Grande do Sul, foi criado através da Lei Municipal n.º 1.417/1987, e inaugurado em 1987. De natureza administrativa pública, possui um acervo de tipologia “imagem e som” contemplando também um arquivo histórico de acesso público. Recebe visitas do público em geral, sem cobrança de ingresso e não há necessidade de agendamento prévio. (IBRAM, 2021)

Desde o ano de 2006 está instalado na centenária Estação Ferroviária, edificada em 1910, ano da inauguração da Ferrovia São Paulo-Rio Grande². Construída pela empresa belga *Auxiliaire de Chemins de Fèr*, ela centralizou a ocupação do espaço que formou a Vila de Barro, área do atual município de Gaurama. É tombada pelo patrimônio Histórico Municipal através da Lei n.º 2.164/1999. Foi a primeira construção em alvenaria do núcleo colonial em formação,

² A estrada de ferro, denominada São Paulo –Rio Grande, teve seu ponto inicial em Itararé, na divisa de São Paulo com o Paraná, até Santa Maria da Bocca do Monte no Rio Grande do Sul. A consolidação da implantação da São Paulo –Rio Grande alimentou o processo migratório interno no Rio Grande do Sul. (GNOVATTO, 2016)

e representa um marco histórico e cultural do município. Desde 1997, a ferrovia está desativada em virtude do processo de desestatização. (GAURAMA, 2016)

No ano de 2009, o Museu Irmã Celina Shardong passou a compor o Cadastro Nacional de Museus³, desde então, participando anualmente da Semana Nacional de Museus⁴. Com periodicidade anual, desde 2016, o museu realiza o projeto Uma Noite do Museu, além de receber e orientar visitantes, organizar exposições temáticas, guiar visitas e atividades para estudantes e grupos. Orienta para pesquisa histórica e as divulga, edita publicações e atividades de educação museal e propicia estágios à universitários.

No ano de 2013, em processo de concorrência pública, o Município de Gaurama foi contemplado com o Projeto Pró-Cultura FAC⁵ dos Museus da Secretaria de Estado e Cultura, o que propiciou para o Museu Irmã Celina Schardong, a reforma geral das instalações elétricas e a reestruturação de paredes e aberturas. Estas atividades foram realizadas em parceria com o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul⁶, campus Erechim, que desenvolveu referências de parâmetros técnicos adaptados ao ambiente museal, visando à conservação do acervo, e ao caráter histórico-patrimonial da Estação Ferroviária. O espaço externo do entorno do Museu, recebeu iluminação, calçada com acessibilidade e ajardinamento, harmonizando e qualificando o conjunto arquitetônico (GUARAMA, 2016). Este espaço teve sua reinauguração no dia 17 de junho de 2016.

O Museu Irmã Celina Schardong é responsável pelo permanente trabalho de higienização e restauração de objetos históricos, além de digitalizar, catalogar e identificar livros, jornais, manuscritos e fotografias. Busca também, a reconstrução de histórias individuais e coletivas através de diversas fontes (GAURAMA, 2016). A história oral é uma das metodologias utilizadas pelo museu para coletar informações guardadas na memória das pessoas e da comunidade. Para Santos (2005):

³ O Cadastro Nacional de Museus (CNM) tem por objetivo conhecer e integrar o campo museal brasileiro por meio do mapeamento de informações sobre museus.

⁴ A Semana Nacional de Museus é uma ação anual coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus, com duração de uma semana, que visa mobilizar os museus brasileiros a elaborarem programações especiais voltadas para um mesmo tema.

⁵ Pró-cultura RS - Fundo de Apoio à Cultura (FAC): mecanismo de fomento direto do Estado, sem necessidade de captação de patrocínio, para produtor cultural cujo projeto tenha sido selecionado através de Edital. (RIO GRANDE DO SUL, 2017)

⁶ A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) é uma instituição de ensino superior pública, popular e de qualidade. Criada pela Lei N° 12.029, de 15 de setembro de 2009, a UFFS abrange mais de 400 municípios da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul – Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul.

As memórias individual, coletiva e histórica se relacionam o tempo todo. As duas primeiras estão sempre em embate para serem reconhecidas como memória histórica, todas, com certeza, são importantes para o sujeito, para o grupo. Embora a individual e a coletiva tenham na oralidade o seu transporte, enquanto que a histórica tem a precisão do registro, o objeto/documento, que é fundamental na sua preservação e disseminação. (SANTOS, 2005, p. 45)

Para além das socializações de memórias e informações históricas, segundo o site oficial da Prefeitura Municipal de Gaurama (2021), a comunidade gauramense contribui ativamente participando de ações voluntárias em pequenos serviços e consertos na estrutura física do prédio que abriga o acervo.

A referida página da prefeitura ainda apresenta que a missão do Museu Municipal Irmã Celina Schardong é “recolher, classificar, pesquisar, datar, catalogar, criar arquivos digitais, conservar e expor elementos característicos da formação de Barro-Gaurama, já que são ícones repositórios da memória individual e coletiva” (GAURAMA, 2021). Ainda como funções deste museu, Gnovatto e Wolf (2019) apontam o registro e incentivo à escrita histórica de instituições religiosas e civis que fizeram parte da construção deste município.

Adotando o lema “História só existem quando lembradas”, o museu busca traduzir momentos históricos e culturais referentes à formação do município de Gaurama, permitindo que o passado e o presente interajam “transmitindo conhecimento e formando a identidade dos gauramenses de diferentes gerações” (GAURAMA, 2016, p. 2). A este respeito, Tonislaw Sola, museólogo, concorda que “o aspecto dominante da missão do museu é a defesa da identidade, da continuidade de identidade. Se o museu apenas cuida do passado sem ligá-lo ao presente, o nome pejorativo de necrotério cabe-lhe bem”. (SOLA, 1986, s/p).

Santos (2005) também contribui com a discussão acerca do papel de formador de identidades atribuído ao museu:

No contexto museológico, a reflexão sobre identidade é um problema crucial, os museus existem em função dos objetos que contêm, e estes podem se transformar em idéias e conceitos. Dependendo da forma que estas idéias, conceitos e sentidos são usados, o museu pode se confirmar em “segredo e sagrado”, e seu papel é de “templo”; também pode correr o risco de ser transformado em “fórum”, quando o objeto perde seu valor documental e se transforma num ícone cultural, e é usado para o reforço de identidade. (SANTOS, 2005, p. 38)

Desta forma, o Museu Irmã Celina Schardong, se insere no contexto de sua comunidade como um espaço educador e desenvolve seu trabalho buscando trazer significado para as suas coleções através da interação entre sujeitos e objetos. O acervo geral que este museu possui é de exposição permanente e conta com cerca de 500 objetos trazidos pelos colonizadores europeus nos séculos XIX e XX. Esta exposição está organizada com o intuito de demonstrar o

contexto social, cultural e laboral da formação de Barro, atual Gaurama. O mobiliário, equipamentos de trabalho, documentos pessoais, livros de empresas, objetos demonstrativos da vida privada das famílias e da comunidade são apresentados de forma a descrever o modo de vida da comunidade.

O museu também conta com um acervo especial, que é composto por fotos; manuscritos; jornais publicados em Barro-Gaurama; artefatos arqueológicos; moedas e papel moeda; arquivos digitais com entrevistas, filmes e atividades culturais; além de uma bibliografia histórica composta por obras raras e publicações recentes de livros e monografias acadêmicas que relatam a história de Barro-Gaurama. Este conjunto de itens, juntamente com a mediação das profissionais que atuam no museu, fazem com que se construa uma narrativa acerca da constituição desta comunidade. Para Santos (2005),

A exposição é uma amostra daquilo que, certa vez, foi vivo devido aos costumes e cultura da época. No entanto, mesmo que se utilize toda tecnologia em integração ao acervo, a emoção despertada no visitante será, sempre, parcial, pois não experimentará o contato com a peça da mesma forma que quando ela se encontrava em seu contexto histórico original. Para atender à demanda, o museu deve estar sempre alterando seu modo de trazer a informação, e os valores que esta traz consigo, de acordo com o presente. O papel do museu é: seduzir antes de informar. (SANTOS, 2005, p.109)

Nesta lógica, o Museu Irmã Celina Shardong insere o projeto Uma Noite no Museu onde, através de uma intervenção lúdica, consegue atrair crianças e adolescentes para perto da história que permeia aquela comunidade. Desta forma, a subseção apresentada a seguir, será dedicada a descrever a metodologia organizativa do projeto e as ações propostas pelo Museu, para que, no próximo capítulo, possamos compreender quais são as possibilidades pedagógicas que a escola pode dispor a partir desta aproximação com a educação não formal oferecida pelo Museu Irmã Celina Shardong.

3.2 PROJETO UMA NOITE NO MUSEU

Pelo fato de o Museu Irmã Celina Shardong ser patrimônio de um pequeno município, seu papel de difusor da história local se torna fundamental. Nesse viés, a parceria das escolas locais com esta instituição, fazendo visitas orientadas, com crianças da educação infantil até o ensino médio, abre o leque da aprendizagem, especialmente, em relação à educação histórica e patrimonial.

Considerando que o Brasil se encontra em um cenário complexo, cuja crise institucional gerou uma profunda crise de valores e o terraplanismo, movimento anti-vacinas, homofobia,

machismo, *fake news*, movimento anti-globalista, desvalorização da cultura, aliados à depreciação da figura do professor, da ciência e da pesquisa vem dando o tom dos discursos em redes sociais e, infelizmente do governo atual, é preciso fortalecer projetos que resistam à esta onda.

É neste contexto, e tendo como público-alvo estudantes das escolas públicas estaduais e municipais de Gaurama, que em 2016 nasce o projeto *Uma Noite no Museu*, com o objetivo de utilizar o ambiente museal como espaço de educação não formal para as crianças e jovens daquela comunidade, considerando que, dentro da missão deste Museu está contido o papel de formar cidadãos apreciadores e respeitadores do patrimônio público e histórico.

Para uma das professoras responsáveis pelo projeto, que aqui será denominada como Educadora 1, a pauta da cultura tem que ser reafirmada constantemente,

[...] principalmente agora, nos últimos tempos, em que a gente viveu um ataque muito grande à cultura e à educação. Os trabalhadores da cultura, de todas as áreas, da pintura, da música, do cinema e o próprio papel do museu foram muito desprezados. Teve uma construção de desprezo a todas as manifestações culturais ignorando até a questão da economia da Cultura praticamente, foi criado uma máquina criminalização cultural. (EDUCADORA 1, 2022)

Tendo isso, o Museu Irmã Celina vem se colocando como um guardião e propagador da história e cultura, atendendo em visitas guiadas desde que foi reinaugurado, em junho de 2016, até meados de outubro deste mesmo ano, cerca de 800 estudantes das escolas locais. Buscando dar visibilidade à instituição e fidelizar ainda mais este público, resolveu-se criar uma espécie de concurso cultural, onde crianças de determinada faixa etária são convidadas a realizar uma atividade, por exemplo, uma redação ou história em quadrinhos, sobre um tema pré-definido, sempre relacionado com o contexto museal.

Estes trabalhos passam por uma seleção⁷ e, os autores cujos textos forem considerados os melhores, são premiados com o privilégio de pernoitar no Museu Irmã Celina Schardong, vivenciando atividades lúdicas e aprendendo um pouco mais sobre a história de seu município.

Este projeto foi inspirado em uma atividade realizada pelo Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, que proporciona uma noite de atividades lúdicas a crianças e adolescentes no interior daquela instituição. A partir desta ideia, a atividade foi pensada e adaptada para o contexto do município

⁷ Esta seleção é feita pela equipe do Museu Municipal e leva em conta a originalidade, criatividade e coerência da escrita.

de Gaurama, financiado pela prefeitura municipal e tem o apoio do Lions Clube⁸. Outras entidades, como Coral Municipal Vida e Canto, a Biblioteca Municipal, o Corpo de Bombeiros de Erechim e Bombeiros Voluntários de Gaurama/RS, também já participaram do projeto. Pessoas da comunidade também participam, contribuindo com aulas de xadrez, astronomia e outros jogos educativos.

Em sua primeira edição, no ano de 2016, o projeto lançou os conceitos de patrimônio, memória e história, como sendo os norteadores da escrita. Entender como é essa percepção na memória destas crianças, expressa através da escrita das redações, serve também como reflexão sobre os sentidos das práticas culturais que o museu planeja e oferece.

Nesta edição, 13 textos de crianças que tinham entre 10 e 11 anos foram selecionados, e estas tiveram a oportunidade de passar uma noite no museu Irmã Celina Schardong, vivenciando uma programação que incluía um jantar, roda de conversa sobre história local, exibição do filme “Uma Noite no Museu”⁹, aula de introdução ao xadrez e outros jogos educativos. O grupo dormiu nas dependências do museu encerrando as atividades na manhã do dia seguinte com um café e um breve relato de cada estudante sobre a experiência que vivenciaram.

Na segunda edição, que aconteceu no ano de 2017, foram contempladas crianças com idade entre 08 e 10 anos. Estas crianças participaram de uma aula extra-museal, que aconteceu em uma das escolas parceiras do projeto e reuniu todas as crianças desta faixa etária matriculadas em escolas do município. O assunto abordado e em sequência apresentado como tema da redação foi: “*quando os trens passavam em Barro/Gaurama*”.

As crianças grafaram seus textos seguindo moldes da edição precedente, explicando quais eram suas concepções sobre os termos patrimônio, memória e história. Neste ano foram selecionadas 12 redações e os seus respectivos autores puderam participar das atividades realizadas pelo museu durante a noite de 11 de novembro de 2017, seguindo uma programação semelhante ao ano anterior.

⁸ Fundado por Melvin Jones em 1917, o Lions Clubs International é uma organização de clubes de serviço cujo objetivo é promover o entendimento entre as pessoas em uma escala internacional, atender a causas humanitárias, e promover trabalhos voltados a comunidades locais. (LIONS CLUB, 2017)

⁹ Obra cinematográfica lançada nos Estados Unidos da América no ano de 2006 e dirigida por Shawn Levy, conta uma história fictícia que se passa no Museu de História Natural de Nova York, onde animais, insetos e outras figuras históricas ganham vida ao fim do dia, após a saída dos visitantes.

Em 2018 a atividade foi realizada pela terceira vez e, a vinda do cartunista Santiago¹⁰ no FLAG – Festival Literário e Artístico de Gaurama¹¹, motivou a leitura de suas obras, e em parceria com a Biblioteca Pública Municipal, foi solicitado aos alunos dos 4º anos das escolas estaduais e municipais para que também criassem sua história em quadrinhos com o tema “*Histórias da minha vida*”. O intuito era incentivá-los a valorizar a arte, a história e a memória relatando vivências do seu cotidiano. Neste ano foram selecionadas 10 crianças, que por meio de seus trabalhos puderam participar das atividades noturnas do projeto.

A quarta edição do projeto começou a ser executada ainda no mês de março de 2019, quando as crianças foram convidadas a participar de uma palestra na câmara de vereadores do município, tratando de profissões que foram extintas ou precisaram se adequar em virtude da evolução tecnológica. Após essa aula, pediu-se que escrevessem suas impressões sobre o assunto, sem que os estudantes soubessem que aquela escrita seria utilizada para selecionar os participantes da IV Noite no Museu, que aconteceu no mês de outubro

Na data do evento, as crianças contaram com a presença de um bombeiro militar abordando temas voltados à prevenção de incêndios, cuidados com gás de cozinha, eletricidade e formas de evitar outros acidentes domésticos. Tudo tratado com ludicidade, através de músicas e brincadeiras. O Coral Municipal Vida e Canto, que atua em Gaurama desde a década de 1990, também marcou presença contribuindo com uma bela serenata. Nesta edição, que teve 9 crianças selecionadas, foi exibido o filme *Jurassic World: O mundo dos dinossauros*¹².

Nos anos de 2020 e 2021, o projeto Uma Noite no Museu, que vinha sendo realizado com periodicidade anual, precisou ser suspenso em virtude do advento da pandemia de Covid-19¹³

¹⁰ Neltair Rebés Abreu, conhecido como Santiago, é o criador do Macanudo Taurino Fagunde, personagem baseado no gaúcho típico do pampa, que retrata os hábitos e a sociologia dos habitantes do campo no extremo sul do Brasil, tema recorrente em boa parte de sua obra. Integra o grupo de cartunistas que é distribuído no mundo inteiro pela agência “Cartoonists & Writers Syndicate” de Nova Iorque.

Em 1994, a revista *Witty World*, voltada para profissionais do desenho humorístico, incluiu Santiago na lista dos 13 melhores do mundo no gênero “Gag Cartoon” (cartum de uma única cena), após uma pesquisa realizada entre os leitores-cartunistas. Seus vizinhos na lista são Quino, Sempé e Aragonés. Ao longo de sua carreira, o cartunista tem sido convidado a participar como jurado em diversos salões de humor no país inteiro. (FUJISAWA, 2009).

¹¹ Evento cultural organizado pela Secretaria de Educação, Cultura, Desporto e Turismo do município de Gaurama que teve como objetivo incentivar o hábito da leitura, bem como proporcionar atividades culturais, pedagógicas e recreativas variadas para estudantes e comunidade em geral. O Festival aconteceu no Salão Paroquial do município e na praça Prefeito Antônio Burin, onde várias atividades e apresentações foram realizadas aproveitando os espaços disponíveis. Foi reservado um espaço também para Biblioteca Pública, o Museu as livrarias e a exposição de trabalhos feitos nas escolas do município. (GAURAMA, 2018)

¹² Obra cinematográfica lançada nos Estados Unidos da América no ano de 2015 e dirigida por Colin Trevorrow, conta uma história de ação e ficção científica que se passa em uma ilha habitada por dinossauros e que recebe milhares de visitantes, como uma espécie de zoológico.

¹³ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. A maioria das pessoas que adoece em decorrência da COVID-19 apresenta sintomas leves a moderados e se recupera sem tratamento especial. No entanto, algumas desenvolvem um quadro grave e precisam de atendimento médico. O vírus pode se espalhar pela boca ou pelo nariz de uma pessoa infectada, em pequenas partículas líquidas expelidas quando elas tosse,

e a necessidade da manutenção do isolamento social para a preservação da saúde das pessoas que se envolvem nas atividades. Existe perspectiva para a continuidade do projeto assim que as condições sanitárias forem favoráveis.

Todos os anos o Museu Irmã Celina Schardong participa da Semana Nacional de Museus¹⁴, que acontece no mês de maio e, a partir da temática sugerida, elabora atividades educativas em seus espaços, entre elas, o referido projeto que acontece no final do ano. Assim que o tema é definido, as escolas são visitadas e as turmas escolhidas são convidadas a desenvolverem as propostas.

Como existe este vínculo entre a proposta educativa não formal do museu e a formalidade da escola, a participação das crianças não é voluntária, mas, em virtude de seu caráter lúdico, em nenhum momento houve resistência ou negativas quando solicitado o seu envolvimento. Quanto à pernoite na instituição, não houve situações em que os responsáveis dificultaram ou não autorizaram a participação dos estudantes, inclusive, crianças que nunca haviam dormido fora de casa se desafiaram e passaram a noite no museu.

Com intuito de ampliar a divulgação do projeto e promover a valorização das escritas, nos dias que antecedem a atividade interativa no museu, as crianças que têm seus trabalhos selecionados são convidadas a lerem seus textos em uma rádio do município. Em virtude da falta de espaço adequado no museu, esses textos são encaminhados para arquivamento na Secretaria Municipal de Educação.

Como é possível perceber, este projeto é inteiramente voltado a um público de crianças regularmente matriculado no Ensino Fundamental de escolas públicas do município de Gaurama, repercutindo na premiação de alguns trabalhos. Porém, esta pesquisa não se resume apenas em explicitar a relevância pedagógica das propostas experimentadas pelas crianças que são convidadas a passar a noite no Museu, mas também, a verificar qual é o potencial que esta instituição de educação não formal oferece para enriquecer o currículo da escola formal, que é praticado com todos os estudantes.

Desta forma, o próximo capítulo trará uma análise, baseada na perspectiva de oito estudantes que foram selecionados e das organizadoras do projeto, com o intuito de

espirram, falam, cantam ou respiram. O tamanho dessas partículas vai de gotas respiratórias maiores até aerossóis menores.

A infecção pode ocorrer caso você inale o vírus quando estiver perto de alguém que tenha COVID-19 ou se você tocar em uma superfície contaminada e, em seguida, passar as mãos nos olhos, no nariz ou na boca. O vírus se espalha com mais facilidade em locais fechados e em multidões. (PFIZER, 2020)

¹⁴ A Semana Nacional de Museus é uma temporada cultural coordenada pelo Ibram que acontece todo ano em comemoração ao Dia Internacional dos Museus (18 de maio). A cada ano, o Icom (Conselho Internacional de Museus) lança um tema diferente para a celebração dessa data, que é, também, o mote norteador das atividades da Semana de Museus. (BRASIL, 2021, p. 1)

fundamentar as ações propostas e também apresentar possibilidades de exploração do espaço museal. Esta fundamentação se dará, especialmente, a partir das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental - DCNEF e da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, e buscará contribuir com uma possível legitimação para a continuidade do projeto.

4 PROJETO UMA NOITE NO MUSEU SOB A ÓTICA DA DNCEF E DA BNCC

4.1 DCNEF E A BNCC BASE COMO NORTEADORES DO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO

Antes de prosseguirmos com a análise proposta por esta pesquisa, é relevante apresentarmos sucintamente os principais documentos que serão utilizados para fundamentar a escrita. As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de 09 anos - DCNEF, e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (DCNEF) são um conjunto de fundamentos que servem para nortear a educação básica, tendo como alicerce a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Estas diretrizes buscam assegurar aos estudantes uma educação de qualidade e devem ser observadas durante a elaboração dos currículos das escolas. De acordo com este documento,

O Ensino Fundamental, de frequência compulsória, é uma conquista resultante da luta pelo direito à educação travada nos países do ocidente ao longo dos dois últimos séculos por diferentes grupos sociais, entre os quais avultam os setores populares. Esse direito está fortemente associado ao exercício da cidadania, uma vez que a educação como processo de desenvolvimento do potencial humano garante o exercício dos direitos civis, políticos e sociais (BRASIL, 2010, p. 105).

Com vistas a garantir este direito básico, respeitando a pluralidade do público escolar, as ações educativas do Ensino Fundamental devem atender a três aspectos norteadores estabelecidos pelas DCNEF. Os princípios éticos que dizem respeito à justiça, solidariedade, liberdade, autonomia e respeito à dignidade humana, a diversidade cultural e a todas as formas de vida. Princípios políticos, que visam o reconhecimento dos direitos e deveres dos cidadãos, a preservação da democracia, da natureza, a busca pela universalização do acesso à saúde, educação, trabalho, cultura, a exigência de igualdade de direitos e redução das desigualdades sociais. E por fim, os princípios estéticos, no sentido de cultivar a sensibilidade, a racionalidade, a criatividade, valorizar as diferentes culturas e valorizar a construção de identidades plurais e solidárias (BRASIL, 2010).

As DCNEF também apontam que o currículo escolar deve considerar a diversidade cultural, econômica e social da sua comunidade, por isso, a escola precisa conhecer a realidade em que seus estudantes vivem e elaborar práticas pedagógicas pertinentes, para que os sujeitos se reconheçam “como parte dessa cultura e construam identidades afirmativas o que, também,

pode levá-los a atuar sobre a sua realidade e transformá-la com base na maior compreensão que adquirem sobre ela. (BRASIL, 2010, p. 109).

Segundo estas diretrizes, o currículo escolar do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, “o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso” (BRASIL, 2010, p.114). As DCNEF fazem uma organização curricular separando os conteúdos em cinco áreas do conhecimento e nove componentes curriculares, distribuídos conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 Distribuição de componentes por área do conhecimento

Áreas do conhecimento	Componentes
LINGUAGENS	Língua Portuguesa Língua materna, para populações indígenas Língua Estrangeira moderna Arte Educação Física
MATEMÁTICA	Matemática
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Ciências
CIÊNCIAS HUMANAS	História Geografia
ENSINO RELIGIOSO	Ensino Religioso

Fonte: Adaptado de BRASIL, 2010, p. 114

Os espaços curriculares e físicos para desenvolvimento das propostas orientadas pelas Diretrizes não se resumem às salas de aula e incluem outros espaços escolares e de outras instituições socioculturais e esportivo-recreativas das cidades ou das regiões. Estas possibilidades de diversificação de tempos e espaços escolares prevê que os educadores reinventem a escola em uma perspectiva de responsabilidade compartilhada, “na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade” (BRASIL, 2010, p.27).

A partir das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, foi elaborada a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Quanto a este documento, que tem caráter normativo, nos cabe ressaltar que o seu uso como norteador deste estudo não foi feito sem uma crítica precedente. Precisamos destacar que temos ciência de que o currículo formal da educação brasileira é profundamente marcado por interesses neoliberais que atendem às demandas

mercadológicas e, a implementação da BNCC é um dos marcos recentes desta política capitalista.

Neste sentido, Branco *et al* (2018) afirmam que, na retaguarda de um véu midiático que “vendeu” a base como uma proposta construída coletivamente, com grande participação social, que legitimaria a democracia “estão os bastidores com fortes influenciadores, que direcionam a educação para seus interesses, da sociedade e do mercado que buscam manter e fortalecer suas ideologias” (BRANCO *et al*, 2018, p. 12).

Macedo (2014) faz um mapeamento dos principais agentes, não pertencentes ao campo educacional, que discutiram e se envolveram no processo de elaboração desta base comum e cita empresas e instituições financeiras como: “Itaú (Unibanco), Bradesco, Santander, Gerdau, Natura, Volkswagen, Fundação Victor Civita, Fundação Roberto Marinho, Fundação LEMANN, CENPEC, Todos pela Educação e Amigos da Escola” (MACEDO, 2014, p. 11). Esta interferência não pode ser ignorada e precisamos partir dela para compreender a gênese do emprego de termos como “habilidades” e “competências” no texto da BNCC.

Entretanto, mesmo compreendendo a problemática de sua constituição e implementação, precisamos admitir que a Base Nacional Comum Curricular é o documento que hoje está firmado como norteador da Educação Básica brasileira e, tendo como alicerces legais a Constituição de 88, a LDB, e as DCNEF, não pode simplesmente ser ignorada. A partir disso cabe às escolas e educadores que visam uma educação humana e emancipatória, um olhar atento e permeado pela criticidade nos momentos de planejamento de suas propostas educativas. Sob este foco, Libâneo, Oliveira e Toschi (2012 p. 259) pontuam que:

[...] as finalidades da educação escolar, bem como da organização curricular e pedagógica, devem ser objeto permanente de reflexão das escolas e dos professores, e não somente dos órgãos do sistema de ensino como o MEC, as Secretarias de Educação, o Conselho Nacional e os Conselhos Estaduais e Municipais de Educação. O currículo oficial ou escrito materializa-se por meio da prática dos professores; por essa razão, eles devem ser envolvidos permanentemente em sua formulação e em suas estratégias de execução, em benefício do conjunto dos alunos, sobretudo dos que mais necessitam da escola.

Em vista disso, e considerando que as próprias DCNEF orientam que a Base Nacional seja “complementada em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar por uma parte diversificada” (BRASIL, 2010, p. 113). Avalia-se que a aproximação da escola com iniciativas de educação não formal, como é o caso do projeto *Uma Noite no Museu*, pode se caracterizar como uma forma de resistência à configuração educativa que atende, majoritariamente, às demandas empresariais e mercadológicas.

Desta forma, tendo como norte a expectativa de um currículo que atenda as DCNEF, a BNCC e aceite as contribuições que a educação não formal pode oferecer, passamos a averiguar as possibilidades pedagógicas que surgiram, e ainda podem surgir, a partir da aproximação do Museu Irmã Celina Schardong com as escolas públicas do município de Gaurama.

4.2 UMA NOITE NO MUSEU SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES

Esta subseção será dedicada a apresentar algumas percepções de oito estudantes que tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de passar uma noite no Museu Irmã Celina Schardong entre os anos 2016 e 2019, sendo que foram selecionadas para entrevista duas participantes de cada edição. Para fins de organização e preservação da identidade dos participantes, eles serão nomeados como “*Estudante*” seguido dos números 1 até 8.

As entrevistas aconteceram individualmente, no espaço de três escolas públicas no município de Gaurama - RS e buscaram entender qual a leitura que os participantes fazem deste projeto que aproxima a escola e o museu e quais as aprendizagens que puderam perceber como decorrentes desta parceria.

Logo na introdução da conversa pôde-se perceber que a escola tem um papel importante como mediadora entre os estudantes e espaço museal pois, apenas duas, entre as oito crianças, haviam conhecido o museu por outro meio que não fosse em visitas propostas pela escola ou pelo projeto *Uma Noite no Museu*. Isso demonstra o importante papel que a escola tem como mediadora entre o seu público e o capital cultural¹⁵.

Todos os entrevistados entendem que o projeto instiga o gosto pela cultura e História e consideram ser relevante fazer novas visitas àquele espaço. O estudante 3, aponta que voltaria ao museu “*porque tem coisas que eu vi lá aquela vez e não entendi, quem sabe se eu for agora eu perceba, né. Às vezes tem coisas diferentes e a gente percebe mais coisas*”.

Em relação a esta colocação, podemos apontar que as percepções obtidas durante as visitas variam de acordo com as estruturas mentais que as crianças possuem no momento, e em outras oportunidades, já com o acúmulo de outros conhecimentos, a experiência será diferente. Carvalho e Lopes (2016) afirmam que essa variação nas percepções e entendimentos também pode acontecer de uma criança para outra.

¹⁵ Capital Cultural: “Termo sistematizado por Pierre Bourdieu, consiste em um princípio de diferenciação social quase que tão poderoso quanto o capital econômico que fortalece a diferenciação de classes através da reprodução dos códigos legitimados pela cultura capitalista dominante” (DUTRA, 2016, p. 28).

Diferentes pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem distintas. Isto porque o olhar de cada um é impregnado de experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações etc. Desse modo, podemos lançar diferentes olhares e realizar uma pluralidade de leituras sobre as distintas formas de existir no mundo (CARVALHO e LOPES, 2016, p. 911).

Diante disso, também é possível verificar que os estudantes percebem diferentes funções para o Museu Irmã Celina Schardong. Houve destaques para a *“importância da preservação e registro da História do município de Gaurama”* (Estudante 1, 2022), para *“retratar como foi o desenvolvimento da cidade, as mudanças que ocorreram durante o tempo, o desenvolvimento dos prédios, das ruas, pra ver como o tempo resulta em mudanças”* (Estudante 2). Ressalta-se a grande importância atribuída ao Museu pelo fato de preservar e difundir a História local, isso faz com que os estudantes reconheçam suas próprias famílias em meio ao acervo.

Nas palavras da Estudante 3 [...], *“Museu, é pra guardar toda a história do município. É importante preservar porque faz parte da construção daqui e da gente.”*. O Estudante 6 também direciona sua fala neste sentido e para ele o Museu *“é importante pra guardar a nossa história e das nossas famílias.”*. Diante disso, é perceptível a relação de pertencimento e de afeto que os estudantes estabelecem com a instituição. Para Almeida (1997), a construção deste elo também faz parte da função dos espaços museais, pois *“educação em museus, além de complementar o currículo formal, é exercício de afetividade e preservação da memória e do patrimônio cultural”* (ALMEIDA, 1997, p. 50).

Considerando uma conjuntura em que as escolas e museus trabalham associados, Almeida (1997) aponta que a educação não formal desses espaços tem o potencial de superar o caráter de complementaridade da escola. Ou seja, a experiência proporcionada com os objetos expostos *“podem gerar motivação, curiosidade e questionamentos da parte dos estudantes. Uma visita ao museu pode proporcionar aprendizagem tanto de elementos cognitivos como afetivos”* (ALMEIDA, 1997, p. 51).

Na perspectiva dos estudantes, estas propostas de trabalho conjunto entre escola e museu são significativas. O Estudante 2 considera a incorporação de novos conteúdos no currículo escolar, segundo este:

É bom porque traz mais conteúdo, mais conhecimento pro pessoal daqui, pra conhecer melhor como é, porque a gente não conhece muito. Pra entender como funcionou, como chegaram as coisas aqui, como aconteceu. Então, sempre é bom. É uma parceria interessante que pode dar bons resultados.

Já a Estudante 1, ressalta a aprendizagem da História local como um fator relevante do projeto Uma Noite no Museu. Em suas palavras, *[...] é importante para as crianças conhecerem, conhecerem um pouco da história do Museu e da cidade, e pra elas conhecerem mais das coisas da cidade que a gente não vê na escola”*.

A opinião do Estudante 6 também vem nesta direção, apontando que *“[...] a escola pode fazer passeio e quando a gente não conhece fica conhecendo e a gente aprende coisas que a gente não vê na escola”*.

Neste sentido, Lopes (2019) ressalta que dentre as muitas possibilidades que podem ser exploradas, é preciso reconhecer a especificidade da experiência coletiva da visita das crianças ao museu com a escola. Para a autora,

O passeio em si já é suficiente em termos de novidades a serem assimiladas: sair para o desconhecido sem a família, perder as referências, pegar o ônibus, ver o caminho percorrido pela cidade, chegar a um espaço arquitetônico que muitas vezes é suntuoso e, ainda, a peculiaridade de viver tudo isso acompanhado de outras crianças e não apenas de adultos (LOPES, 2019, p. 162).

Outro aspecto notado, especialmente pela Estudante 7, é de caráter metodológico. Ela ressalta que percebe a importância pedagógica da relação entre museu e escola, *“principalmente quando a gente tá nas séries iniciais, porque a gente vê e é mais fácil de aprender quando a gente vê”*. Ou seja, para ela, o fato de poder estar perto e visualizar o objeto de estudo, facilita a compreensão dos conteúdos propostos.

A Estudante 8 traz consigo uma interpretação da relação museu/escola, pois considera que *“a gente aprende coisas na escola e a gente pode aprofundar lá no museu, ou ao contrário também. Coisas que a gente vê lá, a gente pode pesquisar mais aqui”*. Isso significa que, em seu entendimento, a visita da escola ao museu não deve se limitar a um evento isolado e sim, desdobrar-se em outras investigações.

Por isso, a continuidade é um elemento importante a ser considerado, nesta e em outras propostas educativas. É conveniente que a escola faça um aproveitamento das temáticas apresentadas pelo Museu e amplie o repertório de conhecimento dos estudantes. Sobre isso, Lopes (2019) pontua que:

[...] devido ao princípio da continuidade, algo é levado de uma experiência à outra. Quando o indivíduo passa de uma situação para outra, seu mundo se expande ou se contrai. O que aprendeu como conhecimento obtido a partir de uma experiência em uma situação torna-se instrumento para compreender e lidar efetivamente com situações posteriores (LOPES, 2019, p. 24).

Outro aspecto marcante para os estudantes, foi a expectativa de serem selecionados e os preparativos para passar a noite no museu. O Estudante 2 relata que não considerava-se capaz de produzir um trabalho suficientemente bom para ser selecionado. Segundo ele,

[...] achava que não ia conseguir, achava que os mais grandes iam ganhar porque sabiam escrever melhor, e a expectativa da gente era só fazer os textos mesmo, mas a gente pensava que os maiores iam saber fazer as histórias mais desenvolvidas. Eu fiquei feliz que ia ter uma experiência nova.

Ao contrário do Estudante 2, que disse ter ficado muito surpreso com a escolha de seu texto, o Estudante 3, relatou que estava bem confiante e *“já escrevia bem, então já imaginava que poderia ganhar”*.

Também houve edições do projeto *Uma Noite no Museu*, em que os estudantes não foram informados que estariam produzindo determinado trabalho para, posteriormente, passar pelo processo de seleção para pernoitar no Museu Irmã Celina Schardong. As crianças realizaram a atividade acreditando ser uma proposição comum, das que acontecem rotineiramente na escola. Os Estudantes 4, 5 e 7 relataram esta surpresa: *“A gente não sabia que ia escrever pra concorrer, daí um dia a gente tava na biblioteca e veio uma pessoa do museu e falou que eu e mais alguns colegas fomos selecionados. A gente ficou bem feliz, acho que até gritamos de tão feliz”*. (ESTUDANTE 5)

Com o intuito de não causar possíveis frustrações nas crianças selecionadas, a equipe do Museu tomou o cuidado de comunicá-las de sua premiação somente após o aval de seus responsáveis. A Estudante 7 relata: *“a gente não sabia e quando ficamos sabendo foi muito legal. Nossos pais já tinham sido avisados antes e nós só ficamos sabendo depois que eles tinham autorizado”*. A Estudante 8 complementa: *“quando ficamos sabendo, fiquei encantada e nem acreditei que ia poder dormir no mesmo lugar que tinha as coroas das princesas¹⁶.”*

Uma vez selecionadas, autorizadas e comunicadas, as crianças começaram a se preparar para dormir fora de casa, o que para muitas seria algo inédito. Nas palavras da Estudante 1: *“Passar a noite em um lugar diferente me deu um pouco de frio na barriga, porque eu nunca tinha dormido fora de casa, eu nunca fiquei fora de casa e dormir lá no Museu foi muito legal. Eu também fiquei animada porque ia conhecer outras crianças”*.

A Estudante 4 complementa dizendo que *“eu achei que ia ficar com vergonha, porque só tinha eu da minha escola, mas lá foi muito legal porque eu conheci outras meninas que eu*

¹⁶ Coroas das princesas: As referidas coroas são adereços que eram utilizados pelas jovens eleitas “Rainhas” do Clube Aliança, Clube Gauramense e da Associação Gauramense de Estudantes. Atualmente estes concursos não são mais realizados e as coroas ficam expostas no Museu Irmã Celina Schardong, despertando encantamento nas crianças que as observam.

não conhecia”. Neste sentido, pode-se destacar a importância da interação na formação social e intelectual das crianças. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio (BRASIL, 2018, p.40).

Ao falar especificamente sobre a vivência da noite no Museu, os estudantes também deram ênfase ao contato que tiveram com outras pessoas. A Estudante 6 relata que *“foi divertido porque tinha várias crianças que a gente conhecia e que não conhecia também”*, e a Estudante 8 complementa dizendo que *“foi bom o contato com diferentes opiniões e pessoas”*. Para o Estudante 3, aquela noite *“foi uma experiência nova, de sair de casa sozinho, a convivência com pessoas que a gente não conhecia, [...] foi legal.”* Para a Estudante 1, que havia sido a única da sua escola a ser selecionada, a sensação de estar sozinha e sem amigos por perto, desapareceu com presteza pois, em suas palavras: *“eu me enturmei com todo mundo das outras escolas”*.

Percebeu-se que o fato de estar saindo de casa para pernoitar em um lugar diferente, com pessoas com as quais as crianças tinham pouco ou nenhum contato, causou *“um frio na barriga”*, como relatou a Estudante 1 e, ao mesmo tempo, foi o aspecto que mais marcou a memória destes estudantes.

Outro elemento bastante citado durante as entrevistas, foi a “sessão de cinema” que aconteceu durante a noite. Aqui é importante destacar que as obras cinematográficas são significativas estratégias educativas que compõem quadros de competências da BNCC, especialmente na área de Linguagens, tanto no componente de Artes, como também no de Língua Portuguesa. Esta presença se justifica, pois, o letramento dos sujeitos, no contexto da Base, é tomado em um sentido mais amplo, que vai além da interpretação de textos escritos, mas também se estende a “imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.” (BRASIL, 2018, p. 72)

A ludicidade contida em algumas propostas também foi mencionada e, mesmo sem lembrar-se especificamente quais foram as brincadeiras das quais participaram, as Estudantes

6 e 7 (2022) afirmaram que se divertiram bastante. A Estudante 4 (2022) mencionou que *“fizemos uns jogos de matemática e lógica foi muito legal”*.

Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (2010) reafirmam a importância do aspecto lúdico na vida dos estudantes, pois considera-se que no processo de aprendizagem a área cognitiva está diretamente ligada à afetiva e emocional. Desta forma, o Ensino Fundamental tem a necessidade de fazer uso do caráter lúdico da aprendizagem, “particularmente entre as crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos que frequentam as suas classes, tornando as aulas menos repetitivas, mais prazerosas e desafiadoras e levando à participação ativa dos alunos” (BRASIL, 2010, p. 123).

Além dos jogos e brincadeiras propostos para contribuir no desenvolvimento cognitivo, favorecer a comunicação e divertir as crianças, a Estudante 7 lembra que naquela noite *“falamos bastante e tivemos aula de História da cidade”* e o Estudante 7 complementa:

A gente viu várias ferramentas antigas, moedas, bem diferente do que tem na atualidade. Foi mostrado as funções de quem trabalhava na ferrovia e que hoje não tem mais essas profissões e também de tudo um pouco a gente viu lá. A gente aprendeu mais como surgiu o município e comparou como ele é hoje, e sobre a linha de trem que passava por aqui.

Neste viés, a BNCC (2018) aponta que as questões que fazem com que pensemos na História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola se originam no presente e “o passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual” (BRASIL, 2018, p. 396). Assim, esta relação do presente com o passado, feita durante as aulas ministradas no Museu Irmã Celina Schardong, faz com que as crianças confirmem sentido às informações que estão tendo acesso e compreendam que o contexto social em que elas estão inseridas é reflexo do passado de sua comunidade.

Outro aspecto importante exposto em duas entrevistas, foi a divulgação dos trabalhos por meio de uma rádio local. Os estudantes foram convidados a ler seu texto durante a programação e, nas palavras do Estudante 2 (2022):

Foi estranho, mas foi legal porque o pessoal que tava em casa escutou e acharam bem legal os textos que todo mundo fez. Foi interessante. Deu um pouco de vergonha, mas foi bem legal porque ajuda desenvolver nossa comunicação.

A Estudante 4, também disse que foi convidada a participar e expor seu trabalho à comunidade por meio do rádio, porém, no dia, não se sentiu à vontade para falar. Ressaltou que suas colegas haviam lido seus textos na rádio, e embora ela não tenha se encorajado a ler o seu,

sabia que os munícipes estavam orgulhosos, “*principalmente as pessoas mais velhas que iam escutar e gostar porque a gente tava falando sobre eles*” (ESTUDANTE 4). Esta estudante também lembrou que os trabalhos produzidos naquele ano foram expostos no Festival Literário e Artístico de Gaurama - FLAG.

Esta apresentação dos trabalhos à comunidade, por meio do rádio ou exposição em outros espaços, faz com que as crianças se sintam reconhecidas e valorizadas pelas suas produções. Este reconhecimento social nutre a confiança das crianças e serve como incentivo para que continuem se dedicando e evoluindo na construção de seus saberes.

No que se refere à aquisição do conhecimento escolar, os estudantes entrevistados foram questionados a respeito da abordagem pedagógica que os seus professores fizeram a partir da proposição do projeto *Uma Noite no Museu*, ou seja, que elementos a escola percebeu a partir do contato com o Museu e incorporou em seu currículo.

Os relatos de duas estudantes apontam que a escola aproveitou esta relação com a educação não formal, para introduzir ou revisitar alguns aspectos da História Local. Segundo a Estudante 1 (2022), “*as professoras falaram bastante desse projeto, mas, nas disciplinas, só trabalhamos a história aqui*” e a Estudante 7 (2022), diz que “*aprofundamos mais sobre o que já sabíamos sobre História do Município*”. Neste sentido, trabalhando as questões da História Local, a escola se direciona para explorar o processo de constituição do sujeito, fazendo com que estes se identifiquem com o espaço onde vivem.

No que tange às competências curriculares específicas de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especialmente do 3º ao 4º ano, estão contempladas “a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, [...] também são analisados processos mais longínquos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos” (BRASIL, 2018, p. 404). No 5º ano, essa análise deve ser ampliada e a ênfase deverá estar em explorar a diversidade e as formas de organização dos povos e culturas. (BRASIL, 2018).

A Estudante 4, diz não se recordar muito bem, mas aponta que, na disciplina de Ciências, a professora abordou com a turma alguns pontos a respeito das estratégias de armazenamento e conservação de alimentos no período em que ainda não se tinha acesso à energia elétrica. Estas discussões a respeito das evoluções e revoluções científicas são pauta importante para compor o currículo do Ensino Fundamental e encontram suporte na BNCC.

A primeira competência específica de Ciências da Natureza, listada na Base, diz respeito exatamente a esta temática e aponta que a escola deve promover a compreensão da Ciência como um empreendimento humano, e o conhecimento científico como algo provisório, cultural e histórico (BRASIL, 2018).

Ou seja, deve-se esclarecer para as crianças que nenhum conhecimento ou saber é uma verdade absoluta, que algo que se aplicava no passado pode não ser útil no presente. Cada contexto determinará as teorias que melhor se aplicam para atender as demandas de cada sociedade e poder conhecer, através do acervo museal, situações da vida cotidiana que permearam o passado de suas famílias, torna-se significativo para a aprendizagem das crianças e contribui com sua alfabetização científica.

Para além da indicação das disciplinas de História e Ciências como áreas do conhecimento que foram trabalhadas a partir da visita ao Museu, surgiu em duas entrevistas a menção à Língua Portuguesa. Sobre isso, a Estudante 5, aponta a produção da redação (solicitada pelo Museu) como única proposta pedagógica desenvolvida na sua turma, e o Estudante 3, faz uma fala apontando para a mesma direção: *“a gente fez uma produção de texto, daí isso conta pro Português. Não me lembro de outras coisas. Talvez fizemos mais alguma coisinha, mas não tenho certeza”*.

Neste sentido, o exercício de produção textual é relevante não apenas como uma estratégia de treinamento da escrita formal, mas também como um instrumento que pode proporcionar às crianças experiências que viabilizem “a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 68).

Os demais estudantes não se recordam de ter trabalhado na escola com propostas pedagógicas relacionadas ao Museu em nenhuma disciplina específica, mas trazem aspectos importantes em seus depoimentos. O Estudante 2 revelou que *“pra fazer o meu trabalho eu falei bastante com o pai e a mãe sobre o que eles sabiam e eles sabiam um monte”*. A Estudante 6 apontou que *“a gente aprendeu a conviver com outras pessoas que a gente não conhecia e foi bem interessante”*. Por fim, a Estudante 8 trouxe a lembrança da socialização que teve com os colegas da turma que não tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de passar a noite no Museu, e conta que foi um momento em que se sentiu feliz, pois pode dividir com os outros um pouco do que havia aprendido.

A partir destes elementos apontados pelos Estudantes 2, 6 e 8, mesmo que não se identificam especificamente com uma ou com outra disciplina, também é possível afirmarmos que eles compõem o currículo formal do Ensino Fundamental. Isso se fundamenta nas DCNEF, quando trazem que:

O currículo não se esgota, contudo, nos componentes curriculares e nas áreas de conhecimento. Valores, atitudes, sensibilidades e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, visitas e excursões, pela distribuição do tempo e

organização do espaço, pelos materiais utilizados na aprendizagem, pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola (BRASIL, 2010, p. 116).

Diante das experiências realizadas acima, compreende-se que, mesmo que tenham sido poucas as proposições didáticas especificamente voltadas ao ensino e aprendizagem das áreas do conhecimento propostas pela BNCC, as escolas dos estudantes entrevistados dedicaram algum tempo para a exploração das possibilidades pedagógicas que o encontro com o Museu proporcionou.

Só fato de viabilizar as visitas propostas pelo Museu, motivar que as crianças falem de suas experiências, dialoguem com familiares e pessoas da comunidade para recolher informações e compor seus trabalhos, já contribui para que os estudantes “construam identidades plurais, menos fechadas em círculos restritos de referência e para a formação de sujeitos mais compreensivos e solidários” (BRASIL, 2010, p. 116).

Tendo isso, a próxima subseção trará algumas possibilidades de temas relacionados ao acervo exposto no Museu Irmã Celina Schardong, que podem ser trabalhados dentro das diversas áreas do conhecimento delimitadas pelas DCNEF e BNCC.

4.3 UMA NOITE NO MUSEU: AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NORTEADAS PELA BNCC

Para compormos esta seção, utilizaremos algumas sugestões de possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas e utilizadas para compor o currículo formal da escola, ilustrando as aulas a partir de elementos que compõem o acervo do Museu Municipal Celina Schardong.

Com vistas a atender a este objetivo, de apresentar algumas possibilidades pedagógicas a partir do contato com o projeto, realizamos uma exploração junto ao acervo exposto no Museu e entrevistamos duas servidoras da instituição, ambas professoras, com formação na área de História. Elas participaram da idealização, planejamento e execução das quatro edições da *Noite no Museu* e aqui serão identificadas como Educadora 1 e Educadora 2.

A Educadora 1 apontou em seu relato que o Museu é responsável por um trabalho permanente de resgate, higienização e restauração de objetos históricos. Esta instituição tem a comunidade local como parceira na reconstrução de histórias através de diversas fontes, como as histórias orais e doações de acervos particulares.

Segundo a referida educadora, após a instituição ter passado por um processo de revitalização, passou-se a investir em projetos que dessem visibilidade ao Museu *“para que a comunidade passasse a respeitá-lo, não como local de depósito de objetos antigos, mas sim como uma instituição de educação e cultura”* (EDUCADORA 1).

Entre estes projetos, incluem-se a produção de obras literárias e filmes, *“sempre com uma ideia de participação comunitária, trabalhamos com uma produtora local, de forma bem amadora, mas sempre tivemos uma resposta muito forte da comunidade, positivamente”* (EDUCADORA 1). E, além disso, as propostas junto às escolas, pois o museu tem a potencialidade de proporcionar interações e *“experiências com objetos que, em si, podem gerar motivação, curiosidade e questionamento da parte do estudante”* (ALMEIDA, 1997, p. 51)

Conforme relatado pela Educadora 1, as ações educativas junto às escolas do município de Gaurama, e de outras localidades dos arredores, têm ocorrido com bastante frequência e abordando temáticas diversas. Entretanto, como a atuação da instituição na decorrência do projeto Uma Noite no Museu engloba crianças que estão cursando os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, optamos por delimitar e considerar as propostas sugeridas para os estudantes deste nível.

Para melhor organização, as sugestões estão divididas por áreas do conhecimento, seguindo o formato de distribuição de componentes das DCNEF, ou seja, Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso.

4.2.1 Linguagens

As atividades humanas acontecem no âmbito das relações sociais, e estas relações são mediadas por linguagens de diferentes tipos, como a verbal, corporal, visual, sonora e também a digital. Por meio da utilização destas práticas, os sujeitos interagem contemplando conhecimentos, atitudes e valores morais, culturais e éticos, constituindo-se como seres sociais (BRASIL, 2018)

Portanto, percebendo a possibilidade de aperfeiçoar a comunicação tanto dentro da escola quanto no cotidiano das crianças. Visualiza-se o quanto é importante trabalharmos os diferentes tipos de linguagens que compõem o sistema comunicativo, compreendendo sua evolução e aplicabilidade em cada contexto histórico.

É preciso considerar que as crianças contemporâneas já nascem inseridas em um contexto de globalização, onde as formas de comunicação informatizada se renovam rapidamente. No entanto, é fundamental que essa geração amplie seus repertórios

comunicativos e percebam que as pessoas podem se comunicar com diferentes formas de linguagens. Neste sentido, “é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação” (BRASIL, 2018, p. 63)

Tendo estes pressupostos norteadores, apresentamos o quadro abaixo com elementos que compõem o acervo do Museu Irmã Celina Schardong e, a partir deles, algumas possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas no âmbito das Linguagens, especificamente no que diz respeito ao componente de Língua Portuguesa, e atendem às orientações e demandas curriculares da BNCC.

Quadro 3 Possibilidades pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa

Acervo	Possibilidades
- Documentos históricos	Fruição estética de textos e obras literárias expostos
- Documentos pessoais	Pesquisas de localização e interpretação de informações em textos históricos
- Cartas	Pesquisas sobre o significado de palavras ou expressões desconhecidas
- Diários	Discussão sobre fenômenos de variação linguística
- Jornais	Atribuição de significado à aspectos não linguísticos em fotografias ou desenhos
- Rótulos	Identificação, em notícias, fatos, participantes, local e momento/tempo da ocorrência do fato noticiado.
- Fotografias	Identificar a função social de textos, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam
- Filmes	Produção de textos escritos e orais
- Livros de registros	
- Etiquetas de identificação de acervo	

Fonte: Elaborado pela autora

Outra dimensão curricular que pode ser alcançada através do acervo museal, e se encontra no âmbito das Linguagens, é o ensino da Arte. A arte contribui para a interação crítica dos estudantes “com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania” (BRASIL, 2018, p. 192)

Para a Educadora 1, o ensino da Arte deve se fazer presente nas diversas instâncias sociais, deve perpassar os muros do museu, da escola e proliferar-se na sociedade. Além de ser uma manifestação estética, “[...] a arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite

significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica” (BARBOSA, 2009, p. 21).

A Educadora 2 aponta a importância da valorização das expressões artísticas locais como componentes da prática educativa, citando a poesia, as filmografias produzidas pelo Museu, e os próprios instrumentos musicais ou de transmissão de conteúdos audiovisuais, como a televisão e o rádio, que foram e ainda são grandes difusores da arte e cultura brasileiras e regionais.

Neste sentido, é preciso destacar a importância das trocas culturais que são favorecidas a partir das manifestações artísticas e também frisar que uma expressão artística não precisa, necessariamente ser legitimada por “instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas” (BRASIL, 2018, p. 192). Portanto, a escola precisa promover a aproximação dos estudantes com a Linguagem da Arte e viabilizar “a experiência e a vivência artísticas como prática” BRASIL, 2018, p. 192).

No quadro abaixo, trazemos algumas alternativas sobre as quais a escola pode debruçar-se na exploração e mediação do conhecimento, dentro do componente de Artes.

Quadro 4 Possibilidades pedagógicas para o ensino de Artes

Acervo	Possibilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Fotografias - Panos bordados - Desenhos em paredes (fotos) - Filmes - Rótulos - Instrumentos musicais - Radios antigos - Projetor de filmes de cinema itinerante 	<p>Analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.</p> <p>Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.</p> <p>Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.</p> <p>Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p>Discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola e em outros contextos, problematizando estereótipos e preconceitos.</p> <p>Reconhecer e apreciar o papel de músicos e grupos de música brasileiros e estrangeiros que contribuíram para o desenvolvimento de formas e gêneros musicais.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda dentro da área das Linguagens, encontramos elementos expostos no Museu Irmã Celina Schardong, que podem inspirar práticas pedagógicas nos domínios do componente curricular Educação Física.

A Educação Física é o componente curricular que trabalha as diversas possibilidades de práticas corporais e as suas significações sociais, representando as manifestações expressivas dos sujeitos e que são produzidas por uma diversidade de grupos sociais no decorrer da história. Nesta lógica, o movimento humano não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um corpo, mas se insere no âmbito da cultura (BRASIL, 2018).

Nesta perspectiva, a BNCC (2018) compreende as práticas corporais como textos culturais que são passíveis de leituras e interpretações, podendo propiciar aos estudantes o acesso a conhecimentos particulares e insubstituíveis que não teriam de outro modo. E, para que estas práticas corporais não se limitem a meras repetições de movimentos, “é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento” (BRASIL, 2018, p. 212).

Tendo isso, apresentamos a seguir a relação de algumas possibilidades de aproveitamento de itens do acervo museal que podem compor o currículo formal da escola.

Quadro 5 Possibilidades pedagógicas para a Educação Física

Acervo	Possibilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Arquivos de história oral (depoimentos) - Fotografia (ginástica sueca) - Filmografia produzida pelo Museu - Imagens de jogos rurais campeonatos de futebol 	<p>Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.</p> <p>Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.</p> <p>Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença.</p> <p>Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.</p> <p>Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.</p> <p>Identificar e experimentar brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional</p> <p>Identificar danças do contexto comunitário e regional</p>

	<p>Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.</p> <p>Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo.</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora

Tendo sido apresentados alguns elementos que podem fomentar propostas pedagógicas na área das Linguagens, passamos a explorar a área da Matemática, com vistas a identificar objetivos das DCNEF e BNCC que podem ser cumpridos a partir do contato com o ambiente museal.

4.2.2 Matemática

Um dos grandes desafios que os educadores têm nos anos iniciais da escolarização das crianças, é trabalhar com a disciplina de Matemática fazendo com que ela não seja percebida como algo que produz desconforto e medo nos educandos. Kamii (1988) nos fala da importância de sabermos aproximar os conceitos matemáticos com a realidade, trazendo significado para a ação pedagógica da disciplina, para que a aprendizagem tenha maior êxito e se possa “formar” sujeitos capazes de atuar com autonomia na resolução das diversas situações de seu contexto social, sendo esta, uma das principais funções do desenvolvimento das noções dos números e da matemática.

Neste sentido, torna-se ainda mais relevante o contato das crianças com a Matemática a partir de objetos dispostos no acervo museal. A Educadora 2 aponta que existem variados meios de se trabalhar a Matemática dentro do Museu, destacando a datação das peças, os pesos, medidas e a contagem do tempo. A Educadora 1 ainda menciona a variedade de exemplares de cédulas e moedas do Brasil e de outros países, que podem ser exploradas e suscitar diversas possibilidades.

Estes elementos citados pelas educadoras propiciam que as crianças percebam a Matemática em seu cotidiano, e promovem uma aproximação com as competências específicas deste componente para o Ensino Fundamental, especialmente com o que orienta que a Matemática seja reconhecida como:

uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p. 266).

A partir disso, o quadro apresentado a seguir sugere algumas explorações que podem ser realizadas a fim de contemplar conhecimentos matemáticos orientados pela BNCC e, na sequência, apresentamos as possibilidades pedagógicas que podem ser encontradas na área de Ciências da Natureza.

Quadro 6 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Matemática

Acervo	Possibilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Cédulas e moedas - Ábaco gigante - Relógios - Documentos - Livros caixa de antigas empresas locais - Caixa registradora - Diversos modelos de balanças antigas - Trena, réguas e fitas métricas antigas 	<p>Medir e estimar comprimentos, massas e capacidades, utilizando unidades de medida padronizadas mais usuais</p> <p>Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto</p> <p>Fazer conversões monetárias</p> <p>Escolher a unidade de medida e o instrumento mais apropriado para medições de comprimento, tempo e capacidade.</p> <p>Escolher unidade de medida e instrumento mais apropriado para medições de comprimento, tempo e capacidade.</p> <p>Ler horas em relógios digitais e em relógios analógicos e reconhecer a relação entre hora e minutos e entre minuto e segundos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

4.2.3 Ciências Da Natureza

No que tange o ensino de Ciências da Natureza, a orientação para o trabalho docente segue no sentido de considerar uma sociedade contemporânea que está fortemente marcada e organizada pelo desenvolvimento científico e tecnológico.

Da metalurgia, que produziu ferramentas e armas, passando por máquinas e motores automatizados, até os atuais chips semicondutores, ciência e tecnologia vêm se desenvolvendo de forma integrada com os modos de vida que as diversas sociedades humanas organizaram ao longo da história (BRASIL, 2018, p. 320).

Diante disso, ao debruçar-se no estudo de Ciências, as crianças devem aprender sobre a diversidade dos processos evolutivos da vida e do mundo material, bem como inteirar-se em discussões sobre recursos naturais, suas transformações, fontes de energia e a forma com que os conhecimentos científicos se aplicam nas várias esferas da vida humana (BRASIL, 2018).

Neste viés, o Museu dispõe de uma diversidade de peças em seu acervo que podem

suscitar este tipo de investigação, para que se possa demonstrar que “*a gente não chegou aqui na internet, no celular, do nada, né. Isso veio de algum lugar, a evolução científica e tecnológica nos trouxe até aqui*” (EDUCADORA 1).

Para ilustrar este aprimoramento dos meios de comunicação, por exemplo, o acervo do Museu Celina Schardong dispõe de telégrafo, telefones antigos, cartas, máquinas de escrever, projetor de filmes de um antigo cinema itinerante, jornais, fotografias, rádios, que são elementos que segundo a Educadora 2, encantam as crianças e suscitam uma diversidade de questionamentos.

Estes conhecimentos, do componente de Ciências, devem auxiliar as crianças a fundamentarem saberes e tomar posição sobre “alimentos, medicamentos, combustíveis, transportes, comunicação, contracepção, saneamento e manutenção da vida na Terra” (BRASIL, 2018, p. 320). Nesses termos, a aproximação da escola com a educação não formal do Museu, se justifica pela variedade de objetos e registros que estão dispostos neste espaço e que contribuem diretamente para o debate destas demandas.

A diversidade de conhecimentos científicos contemplada dentro do Museu representa saberes produzidos ao longo da história. A temática da saúde ocupa um espaço relevante dentro da exposição e, ambas educadoras, apontam para as possibilidades de trabalho pedagógico a partir desse acervo.

A Educadora 1, indica como ponto de partida de significativas investigações, os medicamentos que eram utilizados em meados do século XX e se apresentavam como “milagres” da medicina, pois um mesmo remédio, supostamente, curava todos os males. Os equipamentos rudimentares utilizados pelos dentistas e médicos também compõem o acervo e causam fascínio entre as crianças.

A Educadora 2 destaca a inexistência de canalização e tratamento de água e esgoto e exemplifica a questão do saneamento básico como algo a ser observado nos enredos históricos representados no Museu. Também aponta as estratégias de armazenamento e conservação de alimentos, os cuidados com higiene pessoal e mobília que era utilizada nas casas dos primeiros moradores da região.

A energia elétrica também era uma tecnologia inexistente no início da constituição dos pequenos vilarejos da região e, certamente é algo que propicia muitas recordações e está presente em diversos depoimentos coletados por meio da História Oral e guardados no Museu. Esse assunto dá espaço para diversas investigações. (EDUCADORA 2).

A escassez de materiais como o metal e o plástico também era algo muito presente nos primórdios da colonização, conforme relata a Educadora 1, quando apresenta alguns utensílios

de ferro que eram produzidos em uma antiga ferraria do município. A partir disso, e respaldados pela BNCC (2018), podemos refletir e reconhecer as relações que ocorrem na natureza e evidenciar a participação do homem como elemento modificador do ambiente

[...]seja evidenciando maneiras mais eficientes de usar os recursos naturais sem desperdícios, seja discutindo as implicações do consumo excessivo e descarte inadequado dos resíduos. Contempla-se, também, o incentivo à proposição e adoção de alternativas individuais e coletivas, ancoradas na aplicação do conhecimento científico, que concorram para a sustentabilidade socioambiental. Assim, busca-se promover e incentivar uma convivência em maior sintonia com o ambiente, por meio do uso inteligente e responsável dos recursos naturais, para que estes se recomponham no presente e se mantenham no futuro (BRASIL, 2018, p. 326).

A partir disso, no quadro que segue, podemos visualizar algumas possibilidades de abordagem escolar que podem ser originadas dentro do componente de Ciências da Natureza, a partir de uma visita ao Museu Irmã Celina Schardong. Após o quadro, seguiremos a análise adentrando na área de Ciências Humanas, onde se inserem os componentes de História e Geografia.

Quadro 7 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Ciências da Natureza

Acervo	Possibilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Fotos - Móvel de residências - Lâmpadas - Telégrafo - Telefones - Televisão - Gravador de voz analógico - Casa de banho - Documentos - Depoimentos - Filmografia - Utensílios médicos e odontológicos - Medicamentos 	<p>Comparar características de diferentes materiais presentes em objetos de uso cotidiano, discutindo sua origem, os modos como são descartados e como podem ser usados de forma mais consciente.</p> <p>Discutir as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo são necessários para a manutenção da saúde.</p> <p>Identificar de que materiais são feitos os objetos que fazem parte da vida cotidiana, como esses objetos são utilizados e com quais materiais eram produzidos no passado.</p> <p>Discutir os cuidados necessários à prevenção de acidentes domésticos (objetos cortantes e inflamáveis, eletricidade, produtos de limpeza, medicamentos etc.).</p> <p>Relacionar a participação de fungos e bactérias no processo de decomposição, reconhecendo a importância ambiental deste processo.</p> <p>Verificar a participação de microrganismos na produção de alimentos, combustíveis, medicamentos, entre outros.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

4.2.4 Ciências Humanas

Incorporando os componentes de Geografia e História, a área das Ciências Humanas do Ensino Fundamental tem como categorias básicas o tempo, o espaço e o movimento devendo possibilitar uma “crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder e, especialmente, à produção de conhecimentos e saberes, frutos de diferentes circunstâncias históricas e espaços geográficos” (BRASIL, 2018, p. 352).

A centralidade das discussões desta área do conhecimento deve estar no fomento da formação ética dos estudantes, para que possam construir uma consciência em relação às estruturas e desigualdades sociais. Também devem possibilitar a criação de um sentido de “responsabilidade para valorizar os direitos humanos; o respeito ao ambiente e à própria coletividade; o fortalecimento de valores sociais, tais como a solidariedade, a participação e o protagonismo voltados para o bem comum” (BRASIL, 2018, p.352).

O encorajamento para a autonomia intelectual e para a articulação do pensamento histórico e geográfico com o tempo contemporâneo, é uma conduta que se espera do professor para que o estudante compreenda a sua própria condição de cidadão. Neste sentido, cabe às Ciências Humanas, fazer com que as crianças reflitam sobre as experiências sociais baseando-se na diversidade de pontos de vista e reconheçam a si e aos outros como identidades diferentes e respeitem as diferenças de uma sociedade plural. (BRASIL, 2010)

Dentro destas proposições das Ciências Humanas, encontram-se as especificidades do componente de Geografia. A questão inicial desta disciplina no Ensino Fundamental está relacionada com um “letramento” geográfico que tem o desafio de fazer o estudante compreender o seu “eu” no mundo, considerando a sua complexidade atual.

Para Callai (2005), pedagogicamente, o que importa é o estabelecimento e o exercício contínuo do diálogo – com os outros, com o espaço, com a natureza e com a sociedade, que se interpenetram na produção e geram a configuração do espaço e da história de vida dos estudantes. O espaço em que estes sujeitos vivem, é resultado da história de suas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades. Descrever e analisar estes aspectos supõe buscar as explicações que façam o letramento geográfico ter sentido.

Os aspectos culturais também precisam estar presentes na prática pedagógica de Geografia. A cultura de cada povo, de cada sociedade apresenta suas marcas e tem ligações com a possibilidade de os sujeitos dessas sociedades possuírem uma identidade, no sentido de

pertencimento ao lugar. Reconhecer essa identidade e o seu pertencimento é fundamental para qualquer um entender-se como sujeito e por isso torna-se interessante investigar qual é a identidade desses lugares, a partir dos interesses das pessoas que ali vivem. (CALLAI, 2005)

Neste sentido, a Educadora 2, relata que o acervo do Museu guarda “[...]muitos registros, imagens e relatos que retratam os hábitos da vida cotidiana e da vida cultural do município”. Traz também a questão da mobilidade das pessoas pelo país e pelo mundo, quando aponta a migração e imigração como uma pauta a ser trabalhada no ensino de Geografia.

A Educadora 1 aborda a questão dos meios de transporte e da dinâmica da comunicação com outros estados e países e a conseqüente influência que exerciam no cotidiano local. Exemplifica trazendo elementos como o trem, que ligava a região com grandes cidades do país.

Essa garrafa térmica, por exemplo, quando veio pra cá, foi uma grande novidade, era um utensílio que ninguém tinha. Foi comprada em São Paulo, naquela época, a nossa ligação com São Paulo era direta, devido a linha do trem que ia até lá. Chegavam muitas novidades por meio do trem.

[...] tem também o equipamento que era da cervejaria que já funcionava aqui na década de 1920, e claro, não existia nada desses equipamentos no Brasil, isso tudo veio de importação, atravessou o oceano, assim como muitas outras máquinas e aparatos tecnológicos que eram utilizados aqui e não eram produzidos no país.

Por isso, o Museu Irmã Celina Schardong, tem muito a contribuir com as competências curriculares de Geografia do Ensino Fundamental, pois auxilia aos estudantes no processo de reconhecimento dos valores, das crenças, e das tradições, ao mesmo tempo que investiga os significados que têm para aquela comunidade. A partir disso, o quadro abaixo é dedicado a expor algumas competências que podem ser trabalhadas dentro do currículo formal. Na seqüência, a análise tratará das especificidades do ensino de História.

Quadro 8 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de Geografia

Acervo	Possibilidades
- Equipamentos e utensílios importados	Descrever atividades de trabalho relacionadas com o dia a dia da sua comunidade
- Documentos	Descrever a história das migrações na comunidade em que vive.
- Depoimentos	Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos.
- Mapas	Identificar objetos e lugares de vivência em imagens aéreas e mapas e fotografias.
- Telefones	Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.
- Telégrafos	
- Moedas e cédulas de diversos	

<p>países</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equipamentos de trabalho (Rural e urbano) - Fotografias 	<p>Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens.</p> <p>Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.</p> <p>Comparar os impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.</p> <p>Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.</p> <p>Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.</p> <p>Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias primas), circulação e consumo de diferentes produtos.</p> <p>Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora

O campo do componente de História, evidentemente, é o que se beneficia da totalidade do acervo do Museu, já que o propósito da existência desta instituição está umbilicalmente atrelado a esta área do conhecimento.

Desta forma, uma descrição de todas as possibilidades pedagógicas para o ensino de História que podem ser exploradas neste acervo, é inviável, pois precisaria representar todos os objetos, documentos e relatos que estão sob guarda da instituição. Portanto, esta seção se dedicará a apresentar alguns aspectos que norteiam o ensino desta disciplina e as possibilidades a partir dos objetos mais lembrados pelos estudantes e educadoras durante as entrevistas.

Tendo isso, é importante dizer que a relação entre o passado e o presente não acontece de forma involuntária, pois necessita de referências teóricas que possam trazer compressibilidade aos objetos históricos estudados. Assim, um objeto somente se tornará um documento histórico quando um mediador lhe conferir sentido e este é o papel do historiador/educador (BRASIL, 2018, p. 397).

A Base Nacional Comum Curricular (2018) preconiza que se considere a utilização de diferentes fontes e tipos de documentos (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) quando se pensa o ensino de História, de forma que se consiga facilitar a compreensão da relação entre tempo, espaço e sociedade.

Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em

laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história (BRASIL, 2018, p. 398).

Neste contexto, é importante que as considerações teóricas apresentadas em aula sempre levem em conta e tomem como ponto de partida as experiências e a realidade social dos estudantes, para que assim, a aprendizagem se torne significativa e estes sujeitos também se reconheçam como parte de um tempo histórico.

Assim, as visitas guiadas ao Museu Irmã Celina Schardong cumprem um papel de grande relevância, pois tem a potencialidade de estimular uma série de reflexões sobre a diversidade de hábitos e condutas, demonstrando que cada indivíduo age de acordo com o lugar e tempo histórico em que está inserido. Esta contextualização do “Eu” e do “Outro” dentro do espaço/tempo é uma das grandes temáticas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Tendo isso, apresentaremos o quadro abaixo com algumas possibilidades de investigação dentro do componente de ensino de História e, para finalizarmos esta subseção, trataremos alguns aspectos do componente de Ensino Religioso que também podem ser abordados a partir do acervo do Museu Celina Schardong.

Quadro 9 Possibilidades pedagógicas para a o ensino de História

Acervo	Possibilidades
- Documentos/relatos/fotografias/objetos referentes a ferrovia	Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.
- Documentos pessoais/salvo conduto	Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.
- Documentos/relatos/fotografias de antigas empresas de Gaurama	Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes tempos e comunidades.
- Documentos/relatos/fotografias de guerras e revoluções	Compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.
- Distintivos/Uniformes dos Pracinhas de Gaurama	Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes.
- Coroas das “princesas”	Identificar objetos e documentos pessoais que remetem à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados.
- Telégrafo	
- Achados arqueológicos	Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância.
- Registros da passagem de Getúlio Vargas pelo município	
- Cinema itinerante	Identificar os grupos populacionais que formam o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios
- Telefones	
- Instrumentos de trabalho	

<p>- Moedas e cédulas de diversos países</p>	<p>Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.</p> <p>Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.</p> <p>Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.</p> <p>Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.</p> <p>Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.</p> <p>Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções.</p> <p>Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.</p> <p>Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.</p> <p>Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.</p> <p>Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.</p> <p>Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.</p> <p>Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.</p> <p>Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).</p> <p>Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.</p> <p>Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p> <p>Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p> <p>Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e</p>
--	---

	analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora

4.2.5 Ensino Religioso

No que tange ao Ensino Religioso, cuja oferta é obrigatória para a escola e a frequência é optativa para o estudante do Ensino Fundamental, lhe cabe tratar sobre os conhecimentos religiosos, sem privilegiar ou desconsiderar nenhuma crença ou religião.

A Constituição Federal de 1988 e a LDB nº 9.394/96 estabelecem os princípios e fundamentos que devem servir de alicerce para o ensino desta área e consideram que a sua função é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa sem proselitismos.

Baseando-se nestes marcos, a BNCC (2018) estabelece que o Ensino Religioso deve atender os seguintes objetivos:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
- b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
- c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
- d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania (BRASIL, 2018, p. 436).

Nesse sentido, quando o professor e a escola respeitam as convicções religiosas (ou ausência delas) estão respeitando as bases éticas da convivência e a individualidade de cada estudante e, segundo Domingos (2009, p. 53)

[...] ao dar o mesmo espaço no ambiente escolar ao conhecimento de cada religião, ensina o princípio da tolerância e o exercita. Assim, ao respeitar cada educando e exercitá-lo na prática da tolerância, colabora para a redução dos conflitos, inclusive do racismo, xenofobia e outras formas de intolerância.

Desta forma, a escola precisa possibilitar que as crianças reflitam e se apropriem de conhecimentos sobre ritos, narrativas, símbolos, lideranças religiosas, espaços e territórios sagrados, a fim de compreender as relações sociais que se estabelecem a partir das religiões ou da ausência delas. No quadro abaixo, podemos perceber que o Museu Celina Schardong também pode contribuir com estas reflexões.

Quadro 10 Possibilidades pedagógicas para a o Ensino Religioso

Acervo	Possibilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Fotografias do primeiro culto ecumênico - Fotografias e documentos da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga (Católica) - Fotografias e documentos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana - Depoimentos - Filmografia produzida pelo Museu - Livro produzido pelo Museu 	<p>Identificar as diferentes formas pelas quais as pessoas manifestam sentimentos, ideias, memórias, gostos e crenças em diferentes espaços.</p> <p>Identificar, distinguir e respeitar símbolos religiosos de distintas manifestações, tradições e instituições religiosas.</p> <p>Identificar e respeitar os diferentes espaços e territórios religiosos de diferentes tradições e movimentos religiosos.</p> <p>Identificar e respeitar práticas celebrativas (cerimônias, orações, festividades, peregrinações, entre outras) de diferentes tradições religiosas.</p> <p>Caracterizar as práticas celebrativas como parte integrante do conjunto das manifestações religiosas de diferentes culturas e sociedades.</p> <p>Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas.</p> <p>Reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Ao findarmos a apresentação do quadro referente às possibilidades de trabalho dentro do Ensino Religioso, concluímos a análise das cinco áreas do conhecimento estipuladas pelas DCNEF e pela BNCC (*Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso*), que ocorreu paralelamente à um exercício de exploração junto Museu Municipal Irmã Celina Schardong.

Ainda, antes de encerrarmos este trabalho, traremos uma breve seção com alguns apontamentos dos estudantes que participaram do projeto *Uma noite do Museu*, com o intuito de apresentar considerações gerais sobre a vivência desta experiência e sugestões para uma possível continuidade desta proposta.

4.3 Sugestões para continuidade do Projeto

A avaliação é um componente importante não apenas para os processos educativos, mas para toda ação desenvolvida em qualquer âmbito social, pois possibilita uma reflexão acerca das fragilidades e conquistas oriundas de tal proposta.

Com a intencionalidade de obtermos uma avaliação geral do projeto *Uma Noite no Museu*, na perspectiva do seu público-alvo, solicitamos que os estudantes entrevistados

fizessem alguma consideração sobre pontos que julgassem necessário serem revistos ou também, que sugerissem algum novo elemento para compor possíveis edições.

Neste sentido, os Estudantes 3, 4 e 5 não se alongaram em suas falas e apontaram que não alterariam nenhum ponto da programação. Em suas palavras:

Estudante 4: *Eu acho que foi muito legal e eu não mudaria nada*

Estudante 5: *Pra mim tá bem legal assim, acho que eu não mudaria nada, acho que seria bom repetir essa experiência.*

Estudante 6: *Eu acho que foi tudo ótimo, gostei muito e faria tudo igual.*

Entretanto, três estudantes problematizaram o fato de que nem todos os colegas conseguiram se classificar para vivenciar a experiência de pernoitar no Museu. O Estudante 3 aponta da seguinte forma: *“eu percebi que uma colega ficou triste porque ela achou que foram chamados só os mais inteligentes, mas os outros, acho que ficaram bem”*. Neste sentido, a Estudante 1 também se expressa dizendo que: *“Eu ficaria chateada se não tivesse ganhado, porque me esforcei pra fazer a história, o texto. Ficaria bem chateada. Alguns colegas não ficaram tanto, não deram bola, mas algumas amigas minhas ficaram bem tristes porque não conseguiram ir”*.

Como sugestões, apareceram apontamentos em relação à extensão do projeto para as turmas de estudantes maiores, assim como para os adultos também. A ampliação de *uma* para *duas* edições anuais foi sugerida como uma forma de ampliar o número de crianças privilegiadas e a Estudante 1 (2022) complementa dizendo que *“o lugar não é muito grande, mas eu iria sugerir pra ir mais crianças, tipo umas 3 ou 4 de cada escola, ou mais. Da minha escola fui só eu.”*

Alguns estudantes também se manifestaram quanto às atividades propostas, especificamente na noite em que as crianças permanecem no Museu demonstrando interesse em adquirir mais conhecimentos acerca de itens da exposição. Para a Estudante 8 (2022) seria relevante *“continuar com as propostas de jogos e filmes, mas falar mais sobre as coisas do museu, quem sabe mais que uma noite, pra gente conseguir ver e descobrir mais coisas”*. A Estudante 1 também direciona sua fala neste sentido: *“Eu também diria pra explicar mais sobre as coisas que tem lá, sobre a história delas e de que foram.”*

E, para finalizar, a Estudante 8 expõe um anseio que vai ao encontro do objetivo geral desta pesquisa, que é explorar o acervo museal em busca de possibilidades para compor o currículo formal nas diversas áreas do conhecimento. Em seu relato, a estudante diz:

Como tinha bastante gente, não dava pra tirar as dúvidas de todo mundo, acho que precisaria de mais tempo ou mais visitas. Então acho que a escola poderia aproveitar as coisas do museu pra outras matérias também, com as coisas que a gente vê lá. Sobre as coisas do frigorífico, as coroas das princesas, as comidas, como faziam contas e como funcionavam os telefones sem energia elétrica, sobre as cartas[...] (ESTUDANTE 8)

Portanto, de uma forma geral, é possível afirmar que os estudantes têm interesse que as propostas de educação não formal do Museu Irmã Celina Schardong continuem se entrecruzando com as dinâmicas formais das escolas do município e também contemplem um maior número de pessoas.

Este interesse do público é um fator determinante para o sucesso de um projeto e para o êxito de outras propostas decorrentes, como é o caso de possíveis apropriações pedagógicas pelo currículo escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que esta pesquisa buscou investigar as possibilidades pedagógicas que o Museu Municipal Irmã Celina Schardong oferece para as áreas do conhecimento escolar das crianças e adolescentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, envolvidos no projeto *Uma Noite no Museu*, apresento algumas considerações que puderam ser tecidas sobre esta relação entre a educação formal e a educação não formal.

O primeiro ponto a ser investigado foi em relação a aceitação das escolas em participar do projeto proposto pelo Museu. A partir de relatos das coordenadoras, falas das crianças e disponibilidade das gestoras das escolas em viabilizar as entrevistas dos estudantes enquanto estes estavam em período de aula, pudemos identificar que as escolas apreciam a relação que tem com o Museu, bem como, com suas propostas educativas.

Também procuramos compreender, através da perspectiva dos estudantes, qual o aproveitamento que a escola estava tendo em seu currículo a partir das visitas, ou aulas propostas pelo Museu. Neste sentido, observamos que o proveito se deu, majoritariamente no componente de Língua Portuguesa, por intermédio de produções textuais.

Tendo isso, nos dedicamos a buscar em documentos norteadores da educação brasileira (DCNEF e BNCC) referências de conteúdos que devem compor o currículo do nível escolar englobado pelo projeto, ou seja, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir disso, buscamos identificar no acervo museal objetos que possam servir de ponto de partida para pesquisas e construção do conhecimento nas diversas áreas do conhecimento.

Ressaltamos que, quando a escola se propõe a viabilizar visitas a museus ou qualquer outro espaço artístico ou cultural, ela já está cumprindo com um importante papel promotora de novas experiências e, a fruição destes ambientes, por si só, já é educativa. Entretanto, caso haja interesse, é possível conciliar as vivências nestes espaços com o enriquecimento dos currículos ou ilustração dos conhecimentos teóricos.

Como resultado desta investigação podemos afirmar que, o acervo contido no Museu Irmã Celina Schardong ultrapassa as jurisdições do ensino de História e viabiliza a abordagem pedagógica de temas de todas as áreas do conhecimento pautadas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Em suma, é perceptível que o Acervo do Museu pode desempenhar importante papel na formação cultural e escolar das crianças, sendo fundamental que se fortaleça esse vínculo entre escola e museu. Além disso, pudemos demonstrar que a educação não formal e o método formal

de ensino não se contrapõem, e sim, podem ter uma convivência pacífica e de complementaridade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Desafios da relação museu-escola**. In: Comunicação & Educação. São Paulo, [10]: 50 a 56, set./dez.1997.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação Cultural é Social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). Arte/Educação como Mediação Cultural e Social. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 13-22.
- BRANCO, Emerson Pereira et al. **Uma visão crítica sobre a implantação da Base Nacional Comum Curricular em consonância com a reforma do Ensino Médio**. Debates em Educação, v. 10, n. 21, p. 47-70, 2018. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/04/5087-20168-2-PB.pdf>. Acesso em: 24 jun. de 2022
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007. 116p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006. 110 p.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 227-247, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 jul.2022
- CARNICEL, Amarildo Batista. **O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal**. Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2005. Disponível em:< <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000376613>>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. **Educação & Realidade**, v. 41, p. 911-930, 2016.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Cadastro Nacional de Museus**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/listarPorMunicipio?coMunicipio=4841>. Acesso em: 08 abr. de 2022
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 mar. 2022.
- _____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos**. Brasília, CNE/CEB, 2010.
- BREFE, Ana Claudia Fonseca. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos pós-graduados em história da PUC-SP**, Educ. São Paulo (17), nov.1998, p. 281-315. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11178/8189>. Acesso em 06 de Nov de 2021

CARLAN, Cláudio Umpierre. **Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa.** História (São Paulo), v. 27, p. 75-88, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/ZMYTZstWXQmcpBJdz6fxtBQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 06 de nov. de 2021

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. **Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância.** REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 9, 2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios.** Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, 2000. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf>. Acesso em 17, nov.2021.

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não formal no contexto brasileiro e internacional: tensões que perpassam a formulação conceitual. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 26, n. 2, p. 498-517, 2019.

FERNANDES, Renata Sieiro. **Entre nós, o sol: um estudo sobre as relações entre infância, cultura, imaginários e lúdico na atividade de brincar, em um programa público educacional não escolar, na cidade de Paulínia -SP.** 1998. 171f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252401>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. **Revista de Educação**, v. 9, n. 9, 2006. Disponível em: <https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/2175>. Acesso em 10 de nov. de 2021

FUJISAWA, Vivian Eiko Nunes. **Arquivos pessoais: proposta de organização do acervo do cartunista Santiago.** 2009. Disponível em: <http://www.galart.com.br/artista/santiago/>. Acesso em 23 de nov. de 2021.

GARCIA, Valéria Aroeira. **O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais.** Ciências da Educação, v. 10, n. 18, p. 65-98, 2008.

GADOTTI, Moacir; **A questão da educação formal/não-formal.** Sion: Istitut Internacional des Droits de 1° Enfant, p. 1-11, 2005 in GASPARD, A. Museus e centros de ciências — conceituação e proposta de um referencial teórico. 1993. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

GAURAMA. Governo Municipal de Gaurama. **Museu Municipal Irmã Celina Schardong.** Disponível em: <https://gaurama.rs.gov.br/site/noticia/?pagina=24¬icia=451/museu-municipal-irm%C3%83-celina-schardong>. Acesso em: 23 de nov. de 2021

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos do associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 5 ed. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de nov. de 2021

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D, P & A Editora, 2003.

KAMII, Constance. **A criança e o número**. 34.ed. Campinas: Editora Papirus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Valdemar de Assis et al. **A educação museal no pensamento museológico contemporâneo**: musealidade da educação e delineamentos para uma proposta política educacional a partir do uso social da memória. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188265>. Acesso em 10 de nov. de 2021

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, **1986. 99p**. Disponível em <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1605/1577>> Acesso em 12 nov. 2020.

LOPES, Thamiris. **Outras formas de conhecer o mundo: Educação Infantil em museus de arte, ciência e história**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2019.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para a educação. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1530-1555, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21666/15916>. Acesso em 24 jun.2022

MARANDINO, Martha. **Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?** Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, Dec. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000400811&lng=en&nrm=iso. Acesso em 5 de nov. 2021.

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise de. **Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 4, p.

1087-1110, Dec. 2017 . Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022017000401087&lng=en&nrm=iso. Acesso em 5 de nov. de 2021)

MENEZES, Ulpiano T. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista: história e cultura material, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/cjxGJjRFfbKxLBfGyFFMwVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 de nov. de 2021

MENEZES, Ulpiano T. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>>. Acesso em: 20 jul. de 2022.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro

OLIVEIRA, G. Terceiro setor e o direito administrativo. **Enciclopédia jurídica da PUC-SP, 1ª. ed., São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017**. Disponível em:
<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/33/edicao-1/terceiro-setor-e-o-direito-administrativo#:~:text=O%20Terceiro%20Setor%2C%20ainda%20que,eles%20possa%20firmar%20parcerias%20e>. Acesso em: 07 de abril. 2022

OLIVEIRA, Beatriz Cristina de; DIAS, Camila Santos. Educação não formal: instrumento de libertação e transformação? **Revista Científica da FHO|UNIARARAS** v. 5, n. 2/2017. Disponível em: http://www.uniararas.br/revistacientifica/_documentos/art.027-2017.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022

PARENTE, Claudia da Mota Darós. **A construção dos tempos escolares**. Educação em revista, v. 26, n. 2, p. 135-156, 2010. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 06 de nov. 2021.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus brasileiros e política cultural**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, p. 53-72, 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/65kMwMkhxJbhPM68p8Grrhc/abstract/?lang=pt> . Acesso em 09 de nov. de 2021

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria Estadual de Cultura**. Pró-cultura RS segue fomentando projetos culturais no Estado, 2017. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/pro-cultura-rs-segue-fomentando-projetos-culturais-no-estado>. Acesso em:23 de nov. de 2021

SANTOS, Vânia Carvalho Rola. **Cultura, Identidade e Memória: uma leitura informacional de museus históricos em ambientes comunitários**. 2005. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VALA-6KFJ2>. Acesso em 09 de nov. de 2021

SOLA, Tomislaw. Identidade – Reflexões sobre um problema crucial para os museus. In: **Cadernos Museológicos nº1**. Coletânea de Textos Técnicos. Rio de Janeiro, IBPC, 1989.

Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/documentos/planejamento-e-realizacao-de-exposicoes-colecao-cadernos-museologicos-1/> Acesso em: 17 de nov. de 2021

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 23 ed., 2007. 304 p.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.